



DIÁRIO OFFICIAL

ORDEM E PROGRESSO

ANNO XXXI—3.º DA REPUBLICA—N. 13

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1892

SUMMARIO

ACTOS DO PODER EXECUTIVO :

Decretos de 12 e 13do corrente (Ministerio do Interior, Marinha e Justiça).

SECRETARIAS DE ESTADO :

EXPEDIENTE do Ministerio do Interior.

EXPEDIENTE do Ministerio da Justiça e actos de 13 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Fazenda e actos de 12 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Marinha e actos de 12 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas e actos de 12 e 13 do corrente.

EXPEDIENTE do Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos e actos de 12 do corrente.

REDAÇÃO — A cachoeira do Urubú — Os navios submarinos — Fecundidade — Fabricação da cerveja — O Pessimismo.

RENDAS PUBLICAS — Alfandega federal — Recebedoria — Mesa de Rendas do estado do Rio de Janeiro.

NOTICIARIO.

PARTE COMMERCIAL.

EDITAES E AVISOS.

SOCIEDADES ANONYMAS.

ANNUNCIOS DIVERSOS.

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

Ministerio do Interior

Por decreto de 12 do corrente mez, foi nomeado o ajudante da Inspectoria Geral de Hygiene, Dr. Bento Gonçalves Cruz para o lugar de inspector geral de hygiene.

Ministerio da Justiça

Por decretos de 13 do corrente, foram nomeados:

Commandante superior da guarda nacional da Capital Federal o general de brigada Bernardino Vasques.

Commandante da brigada policial da Capital Federal o coronel de cavallaria do exercito João Baptista da Silva Telles.

Foi concedida, por decreto da mesma data, a exoneração que pediu o general Bernardo Vasques, do commando da brigada policial.

Ministerio da Marinha

Por decreto de 12 do corrente, foi concedida ao 2º tenente Luiz de Mello Marques, exoneração do serviço da armada, conforme solicitou.

SECRETARIAS DE ESTADO

Ministerio do Interior

Expediente do dia 12 de janeiro de 1892

Requisitou-se ao Ministerio da Fazenda a expedição de ordem para que se indemnise ao almoxarife do Asylo de Meninos Desvalidos a quantia de 5:025\$299, importancia de despesas por elle realisadas.

—Requisitou-se ao Ministerio da Fazenda a expedição de ordem para que se paguem :

As gratificações abonadas, no mez findo, ao pessoal incumbido do serviço da apuração do ultimo recenseamento da população da Republica;

As seguintes quantias :

De 12:161\$953, importancia de fornecimentos feitos ao Asylo de Meninos Desvalidos, comprehendida a despesa com o gaz alli consumido durante o 3º trimestre do anno proximo passado ;

De 2:500\$, subvenção que compete à Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro pela execução no mez findo, dos serviços de limpeza e conservação da lagoa de Rodrigo de Freitas.

Requerimento despachado

De Morgan Snell & Comp.—Dirijam-se ao Ministerio da Agricultura.

Ministerio dos Negocios do Interior—1ª secção—Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1892.

Respondendo ao vosso telegramma de 11 do corrente mez, cabe-me agradecer-vos os esforços que tendes empregado no sentido de resolver a crise manifestada ultimamente no mercado de carnes verdes desta capital.

Outrosim fico inteirado do despacho, que proferistes na petição da Companhia Pastoral Mineira, favoravel á peticionaria quanto á prorrogação do prazo solicitada, mas negativa no ponto referente á continuação do privilegio para as feiras de gado de proprio accordo nesta parte com os intuitos do governo que vos foram anteriormente manifestados; não se recusando elle apoiar todos os actos da administração tendentes a extinguir os monopolios e a estabelecer a plena liberdade de industrias.

No que toca á ultima parte do referido telegramma, devo ainda declarar-vos que o governo da união está disposto a prestar todo o auxilio que for necessario para se constituírem os estabelecimentos frigorificos a que alludiu.

Para conhecimento do governo, espero que me remettais cópia do novo contracto celebrado com a mencionada companhia.

Ao Sr. presidente do estado de Minas-Geraes. —José Hygino Duarte Pereira.

Ministerio dos Negocios do Interior — 13 de janeiro de 1892.

Ao presidente do estado de Minas Geraes — Ao governo foi presente o requerimento incluso subscripto por diversos inventistas, boateiros, marchantas e commissarios de gado no qual solicitam a suspensão provisoria ou a baixa dos impostos cobrados nas diversas barreiras existentes nesse estado.

Allagam os requerentes que na cobrança de taes impostos e nos favores extraordinarios concedidos á Empresa Pastoral Mineira reside a causa principal da crise que actualmente afflige o mercado de carnes verdes desta capital, porquanto os boateiros na impossibilidade de trazer as suas boiadas por terra em razão da elevação dos impostos, são forçados a entregal-as nas feiras de Trés Corações e Bemfica, estabelecendo por este modo o monopolo do transporte que extinguiu a concorrência de outr'ora, graças a qual previa-se fartamente de gado o matadouro de Santa Cruz.

Tendo, entretanto, o governo desse estado conforme me communicastes por telegramma de 11 do corrente mez, providenciado em ordem a extinguir-se o monopolo, que em virtude de contracto, era exercido relativamente ás feiras de gado pela empresa infra mencionada nenhuma medida cabe aos poderes publicos tomar no que toca ao privilegio vexatorio contra o qual reclamam os peticionarios.

Como, porém, a petição, além de tal ponto, se refere tambem aos impostos de barreiras em geral e a restauração do antigo regim u das estradas e do pequeno commercio favorecido então pelo transitio das boiadas, julgo conveniente transmittir-vos a mesma petição afim de a tomardes na consideração que merecer, visto como ao governo da União não cabe imiscuir-se em assumptos de exclusiva competencia estadual.—J. Hygino Duarte Pereira

—A' directoria do Hospital de Marinha do Rio de Janeiro, approvando a despesa de 740\$ com a compra que fez de um manequim representando o homem, em esquephalo, e em esqueleto articulado do homem. — Communicou-se á Contadoria.

—A' capitania do Rio Grande do Norte, autorizando a mandar effectuar os concertos necessarios na lancha do socorro, não excedendo a despesa de 800\$, em que foram orçados taes reparos.

—A' intendencia municipal, declarando que Vicente Pereira da Costa deve apresentar 2ª via da planta que juntou á petição, sobre a collocação de uma barca de banhos entre a companhia Ferry e o Necroterio; e bem assim o Barão da Saude da dos terrenos accrescidos dos accrescidos que pede.

Requerimento despachado

Manoel Francisco Filho.— Apresente a carta.

Ministerio da Justiça

Por portarias, de 13 do corrente foram prorogados :

Por tres mezes o prazo marcado no artigo 77 do decreto n. 722 de 25 de outubro de 1850; para o cidadão José Augusto Cesar Ferraz, nomeado coronel commandante superior da Guarda Nacional da capital do estado de Sergipe, solicitar a respectiva patente e assumir o exercicio;

Por cinco mezes, com o ordenado a que tiver direito, na forma da lei, a licença ultimamente concedida ao bacharel Felix Gaspar de Barros e Almeida, juiz de direito da comarca do Rio de S. Francisco, no estado da Bahia, para tratar de sua saude.

Expediente do dia 13 de janeiro de 1892

Solicitou-se do Ministerio da Fazenda a expedição de ordens:

Para que nas despesas da verba — Casa de Correção — do exercicio proximo passado, seja annullada a quantia de 732\$914, importancia do material empregado nas manufacturas fornecidas a diversas repartições publicas, no mez de novembro;

— Para que sejam pagas as despesas feitas:

Com os empregados do Asylo de Mendicidade, durante o mez findo, na importancia de 448\$360;

Com as pensões concedidas aos operarios da Casa de Correção, durante o mez de dezembro ultimo, na importancia de 220\$000;

Com objectos de expedientes fornecidos durante o referido mez, por G. Leuzinger & Filhos, na importancia de 1:435\$000;

Com o material da Casa de Detenção, durante o mez de novembro ultimo, na importancia de 6:730\$861;

Para que seja indenizado o porteiro do Tribunal Civil e Criminal, da quantia de 7\$ por elle despendida durante o mez findo.

— Transmittiram-se

Ao presidente do Tribunal Civil e Criminal, afim de terem o conveniente destino:

A carta rogatoria expedida pelo juiz de direito da comarca de Caminha, no reino de Portugal, a requerimento de D. Carolina Candida do Cruzeiro Guimarães, para nomeação de arbitros e avaliação de bens pertencentes ao finado José Affonso Guimarães;

A carta rogatoria expedida pelo juiz de direito da comarca de Santo Thyrsó, no reino de Portugal, o requerimento de D. Idalina Rosinda Coelho, para avaliação de bens pertencentes ao finado João Baptista Coelho;

— Declarou-se ao Ministerio da Fazenda em resposta ao aviso n. 1 de 7 do corrente que, tratando-se de factos publicos e notorios, não ha inconveniente em serem passadas as certidões requeridas pelo procurador do Principe D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha e Bragança.

— Foram autorizados:

O commandante geral da brigada policial desta capital, a mandar averbar no respectivo livro mestre e contar para os devidos effectos los serviços prestados no antigo corpo militar pelo capitão graduado do 1º batalhão de infantaria da mesma brigada Manoel Ferreira de Souza;

O chefe de policia da Capital Federal, a despendar até a quantia de 750\$ com os concertos de que necessita a 4ª estação policial.

REQUERIMENTO DESPACHADO

Rita Carolina de Macedo Camello.—Não tem logar o que requer senão por qualquer dos meios estatuidos no art. 318 do decreto n. 958 de 6 de novembro de 1890.

Ministerio da Fazenda

Por titulo de 12 do corrente mez, foi nomeado o bacharel Arthur da Silva Araújo, para o logar de fiscal dos auxilios á lavoura no Banco União de S. Paulo.

Por portaria de 12 do corrente mez, foi prorogada por 60 dias, a licença em cujo goso se acha o 3º escripturario da Alfandega de Pernambuco Jorge Fucks de Figueiredo, com vencimentos na forma da lei, para tratar de sua saude onde lhe convier.

Circular n. 2—Ministerio dos Negocios da Fazenda — Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1892.

Os Srs. inspectores das thesourarias de fazenda façam organisar e remetter, com urgencia, a esse ministerio a demonstração da renda arrecadada, nos exercicios de 1889, 1890 e 1891, proveniente dos impostos de exportação, industriais e profissões e transmissão de propriedade. — *Francisco de Paula Rodrigues Alves.*

Circular n. 3 — Ministerio dos Negocios da Fazenda — Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1892.

Os Srs. inspectores das thesourarias de fazenda recomendem aos das alfandegas, que lhes são subordinadas, a fiel observancia do disposto no art. 19 da lei n. 26 de 30 de dezembro proximo passado, que manda mencionar tambem nos boletins mensaes do rendimento das ditas alfandegas, a importancia dos direitos de importação não cobrados, em virtude de concessão do poder competente, indicando com toda a clareza e discriminadamente, a natureza e quantidade dos objectos assim importados, o nome da pessoa, empresa, companhia ou instituição em favor da qual se concedeu a isenção dos referidos direitos, qual o acto que a autorizou; e outros quaesquer esclarecimentos que julgarem uteis. — *Francisco de Paula Rodrigues Alves.*

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Empresa Industrial e Constructora do Rio Grande do Sul, pedindo isenção de direitos de importação, na alfandega da cidade do Rio Grande, para o material destinado á execução das obras de esgoto de materias fecaes, aguas servidas e pluvias da referida cidade. — Requeira ao Poder Legislativo.

Arcangelo Giovannoné, pedindo, como procurador de seu pae Felippo Giovannoné, a entrega do espolio do seu tio materno José Guplielmazzi, de que é unico e legitimo herdeiro. — Não ha que deferir.

Companhia Fabril de Marfim Vegetal, pedindo reconsideração do despacho de 28 de novembro, dado em seu requerimento, solicitando isenção de direitos para os machinismos e accessorios destinados á installação de uma fabrica de botões. — Mantenho o despacho anterior.

D. Cybelle Mendonça Souza Monteiro, pedindo ser paga no municipio de Campos, da pensão e do meio soldo que percebe. — Indeferido.

Banco do Maranhão, pedindo que se declare que o resgate da sua emissão se continue a fazer na forma da lei n. 2400 de 17 de setembro de 1873, á razão de 2 1/2 % ao anno. — Requeira ao Poder Legislativo.

Ministerio da Marinha

Por portarias de 12 do corrente:

Foram nomeados:

Para commandar a canhoneira *Cubedello* o capitão-tenente Francisco Marques Pereira e Souza;

Marcellino Florencio do Sacramento para exercer o logar de caldeireiro de cobre de 1ª classe, pertencendo á brigada de artifices militares.

Foram concedidas as seguintes licenças:

De um mez, na forma da lei, ao contra-mestre do corpo de officiaes marinheiros Pedro Rodrigues Pereira para tratar de seus interesses.

De dous mezes ao carpinteiro de 1ª classe Manoel Joaquim Paes, com vencimento, na forma da lei, para tratar de sua saude onde lhe convier.

Expediente do dia 2 de janeiro de 1892

Ao Ministerio da Fazenda, solicitando expedição de ordem para que seja paga pe'a Thesouraria de Fazenda das Alagoas ao 2º escripturario da Alfandega do Penedo Epaminondas Newton Cahet de Mendonça a importancia de 19\$999 e ao official de descarga addido á mesma repartição Juventude Fernandes dos Santos a de 11\$110 pelo serviço de inventariar os objectos pertencentes á praticagem da barra do Rio S. Francisco. — Communicou-se á Contadoria.

— Rogando os seguintes pagamentos:

De 7:793\$637, importancia de fornecimentos feitos ao hospital e arsenal desta capital, em agosto, novembro e dezembro ultimos.

De 1:806\$520 a Souza Pinto & Irmão e André Francisco Goulart pelo fornecimento de pão e carne verde ao encouraçado *Solimões*, vapor *Pavris* e cruzador *Liberdade*, em novembro do anno passado, e á canhoneira *Cananéa* em novembro e dezembro do mesmo anno.

— Solicitando que habilite a Thesouraria de Fazenda do Rio Grande do Norte, por conta da verba—Material de construção naval—do corrente exercicio, com o credito de 800\$. afim de attender ao pagamento dos concertos da lancha da capitania. — Communicou-se ao inspector da thesouraria e á Contadoria.

— Ao chefe do estado-maior general, concedendo ao carpinteiro de 2ª classe Frederico Pinto da Cruz a exoneração que solicitou do serviço da armada. — Communicou-se á Contadoria.

— Ao capitão do porto de Santa Catharina, declarando que, marcando o decreto n. 890 de 18 de outubro de 1890 a ajuda de custo de 40\$ aos encarregados de inventariar os objectos existentes nos pharoes da Republica, é ella devida sempre que o funcionario incumbido desso serviço tiver da sahir da séde de sua repartição para executá-lo, cumprindo que ao secretario da mesma repartição Durval Augusto G. mes, se abone a importancia que lhe comp-tir pelos serviços de inventarios dos pharoes do cabo de Santa Marta Grande e do cabo de João Dias. — Communicou-se á respectiva thesouraria de fazenda.

— Ao contador da marinha, mandando abonar ao capitão-tenente João de Andrade Leite, instructor de plantas topographicas e hydrographicas na Escola Naval, a differença entre o vencimento de lents da cadeira de descriptiva e topographia e o que tem recebido como seu substituto desde a data em que assumiu aquelle logar.

— A Inspeção do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, declarando que defere o requerimento de Luiz Alberto de Farias, pedindo para ser submettido a exame em março das materias do curso do 2º anno da escola de machinistas, visto ter sido approvado nas de que se compoz o primeiro.

— Communicando ter dispensado João Gualberto e Andrade Almada, operario de 1ª classe, de seguir para a Europa em commissão por achar-se doente, devendo propor outro para o substituir.

— A inspeção do arsenal de Pernambuco, transmittindo os titulos nomeando Paulo Francisco de Rocha e Felippe Musillo Ferreira escreventes das officinas, o primeiro de machinas e o segundo de construcções navaes.

— A directoria da Escola Naval, mandando passar carta de piloto de navios do commercio o Antonio Moniz Barreto do Aragão.

— Declarando que os aspirantes Mario Cesar de Castro Menezes e Francisco José Pereira das Neves devem embarcar nos navios da esquadra. — Communicou-se ao Quartel General.

Ministerio da Agricultura

Por portaria de 12 do corrente, foram promovidos na Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguayana, por proposta do respectivo engenheiro-chefe: a 1º engenheiro o chefe de secção Antonio Calandini de Chermont e a chefe de secção o engenheiro de 1ª classe Justino Silveira Franca e removido, na mesma data, do cargo de chefe de districto da Inspeção Geral das Obras Publicas desta capital, o engenheiro Antonio de Salles Nunes Belford, para o de chefe de secção daquella estrada.

Por portarias de 13 do corrente:

Foi removido o engenheiro João Pedro Carvalho de Moraes de fiscal de 4ª classe da rede de estradas de ferro da Capital Federal para igual categoria na do estado de Minas Geraes;

Foi nomeado o engenheiro João Borges Monteiro para o logar de fiscal de 4ª classe da rede das estradas de ferro do estado de Minas Geraes;

Foi nomeado o engenheiro Genesio de Souza Campos Barros, para o cargo de fiscal de 3ª classe da rede da Capital Federal;

Foi concedida ao engenheiro Nicoláo Pederneiras a exoneração, que pediu, de cargo de delegado da Inspectoria Geral das Terras e Colonização no estado do Rio Grande do Sul.

Foi dispensado, a seu pedido, o engenheiro Vicente José de Carvalho Filho de membro da comissão de syndicação, que funciona na Inspectoria Geral das Terras e Colonização; sendo nomeado para substituí-lo o tenente-coronel José Alípio Macedo da Fontoura Costallat. — Communicou-se ao presidente da comissão.

Ministerio dos Negocios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas.—1ª Directoria das Obras Publicas.—Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1892.—Continuando a Estrada de Ferro Central do Brazil a cobrar por conta desse estado os impostos referentes ao transitio de mercadorias que delle procedem ou que a elle se destinam, e constituindo este facto uma transgressão ao que dispõe a Constituição Federal, conforme se deprehende do artigo 11 combinado com o 9º da mesma Constituição, chamo para esse ponto a vossa attenção, no intuito de procederdes de modo a serem respeitadas aquelles preceitos constitucionaes, e dispensada a referida estrada de proceder á cobrança dos respectivos impostos. Sobre este assumpto convem que brevemente me habilites com circumstanciados esclarecimentos. —Saude e fraternidade—Antão Gonçalves de Faria.—Sr. presidente do estado de Minas Gerias.

REQUERIMENTO DESPACHADO
Dia 13 de Janeiro de 1892

João Maximo Vallasques de Almeida.—Completa o sello.

Ministerio da Instrução Publica, Correios e Telegraphos

Por portaria de 13 do corrente, foi nomeado 2º official da Administração dos Correios de S. Paulo o 3º Henrique Luiz de Azevedo Marques.

Por portarias de 13 do corrente:

Foi exonerado Cosme Correia Barbosa do logar de praticante de 1ª classe de ta repartição; Foram nomeados: agente do correio da Estação Central da Estrada de Ferro Central do Brazil, Cosme Correia Barbosa; praticante de 1ª classe desta repartição, o de 2º Julio Rodrigues Loureiro Fraga;

Foi creada uma agencia do correio de 4ª classe, no logar denominado Pantanal estrada de ferro do Norte, estado do Rio de Janeiro.

REDACÇÃO

A Cachoeira do Urubú

A margem do rio Ipojuca, na florescente e amarela da Escada, existe actualmente um novo e aprazivel povoado denominado Primavera, a um quarto de legua da estação Freixeiras, o qual, apesar de só ter pouco tempo de existencia, já conta quatro espaçosas ruas, uma praça, boas casas commerciaes de molhados, ferragens e fazendas, duas aulas particulares com regular frequencia, onde gratuitamente são admitidos alumnos de ambos os sexos.

Aos domingos ha feira alli, muito concorrida, onde com abundancia se encontram todos os generos da pequena lavoura. E' a um quarto de legua deste povoado, como acima dizemos, que fica a cachoeira do Urubú, da qual vamos tentar fazer uma descripção rapida.

E' o que ha de mais importante, tudo quanto a natureza pôde formar para engrandecer o seu magestoso imperio, em cuja sublimidade é impossivel penetrar a imaginação do mais ousado mortal.

A sciencia, na sua progressiva marcha, preste a penetrar no infinito, capaz de revolver todo o globo terrestre, a sciencia esbarra de encontro á grandiosa obra que só a natureza pôde executar, tão singella quanto soberba, tão facil quanto difficil de comprehen-

são; facil para o homem que ingenuamente admirando-a contenta-se em dizer: quão grandes são os poderes do omnipotente! limitando sómente a isto suas investigações; difficil para o homem de vasta imaginação. O philosopho contemplando-a exclama: tudo isto que vemos é o grande segredo da natureza!

O que faremos nós sem os recursos scientificos para descrever um objecto de tanta importancia e que demanda grandes conhecimentos?

Só a força de vontade nos conduz por um caminho tão espinhoso, qual é a descripção que vamos empreheer de obra tão maravilhosa, quão superior ás nossas forças, visto que ainda não houve quem se lembrasse de melhor desempenhar esta missão.

Que sirva ao menos a nossa narração de estímulo, e tambem de apontamentos a quem melhor quizer fazer este trabalho.

E' conhecida por cachoeira do Urubú uma extraordinaria pedra, uma massa enorme que está collocada no rio Ipojuca entre os terrenos dos engenhos *Pilões* e *S. Caetano*, abrangendo de uma a outra margem, a extensão de 114 metros e com altura de 50 metros sem contar a extensão da grande rampa ou declive ao correr do rio, por onde a agua desce com violencia, antes de chegar á grande queda, cuja altura mencionamos.

Pelo inverno torna-se a mais linda cachoeira que temos visto principalmente quando chega a ser toda banhada pelas aguas do rio, que successivamente vão mudando de cores, principiando pela cor escura, mudando para barrenta, amarelada, vermelha e por fim muito esbranquiçada por já terem passado as impurezas da cheia; sempre espumosa em toda a extensão da superficie da pedra, ou lage, parecendo ao longe um immenso lençol. Tanto na vertiginosa correnteza, por sobre a grande extensão de um plano muito inclinado, onde se costuma passear pelo verão, como na grande queda cuja água precipita-se de enorme altura na immensa bacia, é tudo um espectáculo maravilhoso!

Por cima da lage o impulso da correnteza faz chocar a agua com frenetica agitação, já elevando-se, já espalhando em todas as direcções, sacudindo pulhados de espumas sem conta, arremessando grandes quantidades de jactos em seu extraordinario despenhadeiro com toda a agua que banha aquella monstruosa massa, que é uma só pedra, produzindo um ronco estrondoso, misturado com um estampido semelhante ao trovão, ou ás bravias ondas do mar, mais ou menos ruidosas, de conformidade com o volume de agua que leva na sua cheia o caudaloso Ipojuca.

Assim é que fôrma o mais agradável panorama que neste genero se pôde imaginar, mas que só é permittido vêr-se em certa distancia.

Lá é impossivel chegar nessas occasiões, nem mesmo perto, por causa da constante e natural chuva que espalha-se nas immedições da bacia, causada pela evaporação, e formando, principalmente, pela manha, denso nevoeiro, que eleva-se da queda da agua até perder-se de vista. As aguas do immenso poço, sempre em ebulição, e cada vez mais agitadas, fazem reunir e ao mesmo tempo dispersar pequenos, mas abundantes flocos, e rodinhas de espumas, em sua vasta superficie, que vista de longe representa uma linda paisagem de campo esmaltada de flores, parecendo umas vezes separadas, sempre em constante movimento pelo sopro da viração.

De modo que as pequenas vagas formadas pelo balanço das aguas, expostas aos luminosos raios do sol, brillam agradavelmente aos olhos do curioso espectador.

Ao pôr do sol apparece extraordinario bando de andorinhas, que, rompendo rapidamente a correnteza mais fraca, vão agasalhar-se nas dobras da pedra onde fazem pousada.

Ha um logar cujo accesso é desconhecido á maior par dos visitantes.

Alli só chega quem sabe, ou tiver quem lhe mostre a entrada inteiramente imperceptivel, tal é o disfarce com que a natureza soube collocar immensidade de pedras de diversos tamanhos e fôrmas deixando somente passa-

gem para uma pessoa, a qual, curvando-se bastante, pôde transpôr a denominada garganta do Urubú, para chegar mais perto da queda do agua, logar muito apreciavel por sua exquiritice.

Na passagem observam-se entre as fendas da pedra muitos morecos esvoaçando para duas grutas que ficam aos lados da entrada.

Da borda do mesmo poço, no tempo do verão, vê-se pela frente aquella enorme pedra de cujo cimo jorram as duas alvas correntezas, deixando quasi toda a lage nua e bem exposta á curiosidade.

Ao lado veem-se, formando meio circulo, arvores frondosas e luxuriante relva ornando aquelle tão soberbo quanto extenso e profundo lago.

E' assim que pôde-se no verão analysar e admirar tão estupenda obra com que a natureza nos presenteou.

Lá em cima, tambem tudo é differente pelo verão, porque em vez do bello ao longe, como é pelo inverno, apenas notam-se duas estreitas correntes em cada lado da extensa pedra, figurando duas listas brancas mal desenhadas, sem se poder fazer idéa, quando de perto, do que visto de lá tem de bello.

Alli, no cume do gigante de pedra pernambucano, é que se pôde gosar um lindo panorama: é dalli que se descortina uma risonha planicie e tambem montanhas em extensão de algumas leguas em direcção ao curso do mesmo rio, sendo que a vista yae perder-se a través da linha ferra S. Francisco, na altura da estação Freixeiras.

E' alli, ao mesmo tempo, que se recebe o benefico bafejo da aragem, que nesse logar não se causa de agitar seu liquo, ora mais apressada, ora mais vagorosa, fazendo suavisar o ardor do astro vivificante para bem gosar da vida nessa hora em que o nosto espirito, experimentando uma estranha sensação, parece ficar em completo extasi contemplando tanta maravilha!

A esse logar é que se dá o nome de cachoeira do Urubú.

E já que estamos alli, não devemos deixar de ir visitar o assis tradicional e legendario *Cemeterio*, o qual faz parte integrante da nossa narração.

Em traços largos e ligeiros vou fazer sua descripção.

Existe alli um semi-circulo, composto de uma só pedra, a grande distancia, entre as duas margens do mesmo rio Ipojuca, mais acima da cachoeira do Urubú, em fôrma de muro bastante alto, e em cujo centro e na parte mais baixa passa forte correnteza, além de muitas e finas correntes da mais limpida e crystalina agua, que igualmente lançam-se do cimo daquella especie de muralha em outro poço menor do que o primeiro, mas muito elegante por sua fôrma bem desenhada com apparencia de uma bacia.

Ha no semicirculo de que fallamos uma saliência da mesma pedra formando como que um alpendre, porém todo desigual; tendo sufficiente largura em alguns logares para abrigo de muitas pessoas, sem receio de incomodarem-se com a chuva.

E' isto que se chama o *Cemeterio*.

Ahi muitos pescadores costumam passar noutes bem alegres pelo verão, saboreando ceias de camarões apimentados, acompanhadas de espirituosa canna, sahida das fabricas da localidade; e depois ao ar livre, de poeticas noutes de luar, deitados sobre o amplo lago; contam-se historias divertidas e ditos chistosos, enquanto não chega o somno, porque só costumam voltar para casa no dia seguinte.

Pelo inverno é impossivel chegar-se lá, pois que todo o aposento fica immerso na agua.

Ainda, temos um pouco mais longe e abaixo do engenho *Pilões*, um logar vulgarmente conhecido por este nome, derivado sem duvida das muitas cacimbas formadas no lagoado com tamanhos e modelos differentes, sendo que algumas assemelham-se a caldeiras, mas com profundidades extraordinarias, e outras muito raras assemelhando-se a enormes bacias.

O maior numero existe em uma lage que atravessa o rio no mesmo lugar, conhecido pelo referido nome de *Pilões*, nome que se dá ao engenho e a mais alguns sitios das proximidades.

Tudo isto, que é bastante curioso, além de outras particularidades que só com a vista se pôde apreciar, taes como a frondosa vegetação que assombra a maior parte do rio, composta de arvores colossaes de envolta com exquisitas parasitas e pequena relva matisada de flôres; tudo isso offerece ao visitante um passeio agradável e delicioso.

Os navios submarinos

Na Russia, talvez o paiz que mais tem feito pelos navios submarinos, em 1868, no Neva, foi experimentado o *Alexandrovski*. Era movido pelo ar comprimido; facilmente immergiu varias vezes, porém não parece ter satisfeito ás autoridades julgadoras. Outros typos de barcos submarinos foram experimentados na Russia, sem que ficasse resolvido o problema; as noticias sobre taes experimentos apenas nos deixam saber que muito dinheiro tem sido dispendido. Um destes submarinos custou 60.000 libras.

Nos Estados-Unidos continuaram a proceder a experiencias: em uma dellas, realisada no lago Michigan, durara a imersão quatro horas; em outra, realisada no Newcastle, Delaware, ficou o proprio inventor com oito homens no leito do rio durante cinco horas. O barco deste ultimo era de ferro e tinha 40 pés de comprimento. O ar era purificado por meios chimicos.

O Sr. Garrett, de Liverpool, construiu duas embarcações submarinas. A primeira foi julgada demasiado pequena e uma outra maior — *The Resurgan* — construida em 1876, com 45 pés de comprido, depois de alguns ensaios perdeu-se na costa Welsh.

Em 1882 foi experimentado em S. Petersburgo o *Rjevalshy*. Media 20 pés e deslocava 2,5 toneladas. Sua forma era de um charuto, seu propulsor era um helice accionado por quatro homens. No meio da embarcação havia uma cupula de vidro, da qual partia a direcção. A marcha era de 3 1/2 nós. Em geral a cupula ficava acima da agua. Lastro disposto convenientemente podia ser movido de modo a dar à embarcação a inclinação que se desejasse. O reservatorio de ar comprimido continha o necessario para 24 horas de trabalho, e meios chimicos eram empregados para purificar o ar. Destinado ao emprego de torpedos a disparar pela electricidade,

Em seguida ao desenvolvimento da arte torpedica, os inventos de barcos submarinos proseguem incessantemente; e taes por ordem chronologica as experiencias de que temos conhecimento.

Goubet, constructor francez: o seu ultimo barco submarino, mede 16 pés e 5 pollegadas de comprimento, 5 pés 10 pollegadas de largo, 3 1/2 pés de alto; desloca 2 toneladas proximalmente. A proporcionalidade destas dimensões dá ao barco uma grande estabilidade tanto transversal como longitudinalmente. Destinado a fins puramente militares nada transpirou das experiencias feitas. Apenas podemos consignar a applicação da electricidade como motor, o qual é representado por uma machina Siemens, desenvolvendo toda a força 5 nós por hora.

O professor Tuck faz em Nova-York experiencias com o seu barco *The Peacemaker*. Esta embarcação mede 30 pés de comprimento e 8 pés e 6 pollegadas de bocca. A espessura das chapas é de 3/8 de pollegada. Tem a forma de dous botes adaptados bocca a bocca. Seu primeiro motor foi fornecido pela electricidade, porém, não correspondendo aos desejos do autor, foram substituidos os accumuladores e motor electrico por uma machina Westinghouse com caldeiras de natron. Este novo propulsor imprimiu a velocidade de 8 nós; sendo que poderia andar durante 5 horas com a carga de 1.500 libras de soda caustica saturada de 95%. Na prova ficou sete

minutos na profundidade de 40 pés e durante esse tempo percorreu 1,5 milhas, passando sob a quilha de dous vapores em marcha.

Waddington, inglez, procedeu a muitas experiencias com o *Porpoise*, barco submarino, de 37 pés de comprimento, 6 pés 6 pol. de diametro. Impellido pela electricidade, poderia percorrer 250 milhas a meia força; a toda a força, 8 nós, poderia trabalhar 10 horas. Destinado a fins torpedicos, tinha provisão de ar para dous homens durante 6 horas.

Nordenfelt, em Stockolmo, construiu a primeira de suas embarcações submarinas; a qual sob varios pontos representa um grande progresso na realisação do problema *maxime* quanto ao lado militar da questão.

Depois de varias experiencias preliminares, em 1887, lançou Nordenfelt o seu barco submarino, conhecido pelo n. 4. Tem o deslocamento de 243 toneladas; suas dimensões são: comprimento 37,5 metros, largura e altura 4 metros proximalmente; suas machinas desenvolvem a força de 1.000 cavallos. No bojo a secção é perfeitamente circular. A forma deste navio é semelhante a de um torpedo Whitehead, terminando; porém, a popa e a proa em rectas verticaes; sobre o convez, em forma de casco de tartaruga, existem duas pequenas torres. As machinas *compound*, de dous cilindros cada uma, accionam um só helice; machinas auxiliares attendem ao governo, a imersão, etc. Quando fluctuando tem o deslocamento de 160 toneladas e assemelha-se a uma torpedeira commum. Para submergir, as duas chaminés collocadas no sentido da quilha são enriadas e duas portas fecham hermeticamente as respectivas aberturas. Debaxo da agua os fogos são apagados pel vapor que está accumulado. O vapor assim aquecido fornece a força motora, e, com o que contém as caldeiras, pôde fazer percorrer a embarcação vinte milhas, com os fogos apagados. A imersão é produzida pela introdução de 33 toneladas de agua nos reservatorios a esse fim destinados e pela acção de dous helices verticaes agindo em aberturas praticadas na quilha.

Para a ascensão é bastante interromper o movimento dos citados helices. Andando 15 n's na fluctuação normal, apenas anda 4 nós quando inteiramente submergido; não podendo neste ultimo caso quem dirige o navio ver o caminho que segue, especialmente em canaes estreitos, precisa vir a superficie de 100 em 100 metros. Destinado a fins militares o seu armamento consiste em dous tubos lança-torpedos, quatro torpedos e duas metralhadoras Nordenfelt.

O primeiro barco Nordenfelt, construido em 1865, foi vendido ao governo grego; era da forma de um charuto e suas dimensões 64 pés de comprimento e nove pés 13 de diametro. Os seus ensaios na bahia de Salamina foram satisfatorios e como embarcação de mar nada deixou a desjar.

O mesmo autor construiu dous submarinos para a Turquia, conhecidos pelo typo n. 2, os quaes foram em 1887 experimentados em Constantinopla. Suas dimensões são: comprimento 30 m, largura e altura 4 metros, deslocamento 160 toneladas. Em experiencias realisadas em Constantinopla um destes submarinos passou sob a quilha de um vapor.

Estes navios não podem permanecer muito tempo debaixo da agua, porém, ainda assim serão de muito alcance nas defesas de portos, porquanto podem lançar torp dos Whitehead, cousa que até então não se havia alcançado com o barco submarino.

Andrew Campbell construiu um submarino a que deu o nome de *Nautilus*. Tem a forma de um charuto; mede 60 pés x 8 pés; seu deslocamento immerso é de 50 toneladas. No centro tem uma superestrutura, no meio desta uma torre com quatro lentes de vidro.

O accesso ao interior do navio está collocado na superestrutura. O movimento vertical é effectuado pela variação de deslocamento; para isso de cada lado ha quatro cilindros abertos para o mar e o movimento destes pôde variar o deslocamento de uma tonelada: estes cilindros trabalham em encaixes adaptados aos lados do navio. O aço Siemens-Mar-

tins é o material empregado, as chapas são de 5/16 de pollegada, podem supportar a pressão de 50 pés de profundidade. Dous helices são movidos por dous motores electricos do typo Edison-Hopkinson desenvolvendo 45 cavallos. No centro do navio estão dispostos symetricamente 180 accumuladores. O movimento dos cilindros é tambem produzido pelos motores. A velocidade é estimada em 8 nós a toda a força e as machinas executando 750 rotações. A provisão de electricidade é sufficiente para 10 horas. Dous lemes, um horizontal outro vertical, servem para manobrar o navio em todas as direcções. No meio do navio ha espaço para seis pessoas. Experimentado nas docas da West India permaneceu por algum tempo no fluido.

Os barcos submarinos de Goubet, dos quaes a imersão é effectuada por meio de pás ou planos inclinados collocados na parte externa do casco, tem sido provisoriamente adoptados pelo governo russo.

Em França o constructor Zede traçou o plano de um submarino que já foi experimentado e ao qual deu o nome de *Gymnote*. Em 1887 foi encetado o *Gymnote* nos estaleiros de Toulon e experimentado em setembro de 1888.

A descripção do *Gymnote*, segundo as revistas e jornaes francezes, é como segue: O *Gymnote* tem a forma de um fuso alongado, cuja superficie externa é unida e lisa afim de facilitar seus movimentos no seio da agua: tem 17 m, 20 de comprimento por 1 m, 80 na maior secção diametral; seu deslocamento é de 30 toneladas. Quando fluctua na superficie da agua, fica quasi inteiramente immerso, sómente sua parte superior apparece acima da agua, e um tubo de visão central permite ao commandante ver interiormente os diferentes pontos do horizonte por meio de uma combinação de espelhos.

Penetra-se no interior do navio por uma escotilha de accesso situada na parte superior do casco. Todas as manobras internas são feitas por meio da electricidade. E' pela electricidade tambem que o navio faz trabalhar as suas bombas e o seu propulsor. E' ainda pela electricidade que se illumina.

O helice está situado na popa e os lemes anteriormente ao helice. O motor consiste em uma machina dynamo-electrica, construida pelos planos do capitão Krebs. O typo da machina Krebs é absolutamente novo. O motor *Gymnote* pesa 2.000 kilogs, sua força é de 55 cavallos. E', como se vê, muito leve, e leva directamente helices em engrenagens a um movimento de 200 rotações. O gerador de electricidade consiste em uma bateria de accumuladores Commelin-Desmazures, collocada na parte central do navio. A energia armazenada nos accumuladores permite navegar quatro horas e meia proximalmente com a maxima velocidade e transportar 45 nós ou 83 kilometros; com velocidades inferiores, pôde o navio percorrer distancias mais consideraveis. Na marcha de 6 nós, esta distancia é de 220 kilometros.

Quando se quer obter a imersão do navio, o commandante, collocado, no meio da embarcação, abaixa o tubo de visão e por meio da roia de governo a que estão sujeitos os lemes do movimento vertical. Assim fechado o navio, só tem o commandante para guia o a bussola. A illuminação interna é feita por duas lampadas incandescentes. A imersão é obtida pela simples acção dos lemes horizontaes, como no torpedo Whitehead. Para auxiliar a imersão existem dous reservatorios de agua collocados nos extremos do navio; porém, não são exclusivamente destinados só a esse fim. Quando o *Gymnote* mergulha na agua, affirma testemunha ocular, offerece absolutamente o aspecto de um peixe.

Os ensaios officiaes do *Gymnote* tiveram logar na bahia de Toulon, sabbado 17 de novembro de 1888. Experiences preliminares haviam sido anteriormente effectuadas. Nesta experiencia de novembro, na presença do vicealmirante Charles Deperré e numerosos espectadores embarcaram no *Gymnote*; o constructor

Zédé, o capitão Krebs, o constructor Ramazzotti encarregado da realisação dos planos, o 1º tenente Brandy de la Quantinerie que commandava o navio, e o chefe contra-mestre Piccon. Ordinariamente o *Gymnote* será tripulado por tres homens.

Depois de ter navegado na superficie da agua, o *Gymnote* operou perfeitamente suas manobras de immersão, mergulhando a 7 metros abaixo da superficie do mar; executou cursos de 500 metros e marchou com a velocidade prevista pelo Sr. Zédé; manobrou para deante e para tras, e o funcionamento dos lemes assegurou sua direcção em todos os sentidos.

Muito semelhante ao *Gymnote* é o *Peral*, navio submarino construido no arsenal de Narvaca, por conta do governo hespanhol, seguindo os planos do tenente Peral, da marinha hespanhola. Tem a forma biconica e 22 metros de comprimento sobre 2^m,87 de largura: movido pela electricidade por meio de accumuladores espera-se uma marcha de 10 nós 1/2 quando immerso. A sua experiencia definitiva ainda não teve logar. O *Peral*, diz-se, levará preparados chimicos capazes de purificar o ar de modo a poder permanecer 48 horas immerso.

Em março de 1887, o 1º tenente Hovgaard, da marinha dinamarqueza, inventou um navio submergivel, cuja descripção publicou. Tem a forma de um peixe, com uma ligeira superstructura, e tem as seguintes dimensões: comprimento 37 metros, largura 3^m,5, altura 3^m,9. A immersão é produzida como no submarino *Nordenfjeld*, porém com um só helice vertical situado a meio dos extremos do navio. O motor, quando immerso, é electrico, capaz de desenvolver 35 cavallos de força com 600 rotações. A electricidade é fornecida por 540 accumuladores, sufficientes para imprimir ao navio a velocidade de 5 nós 1/2 durante 6 horas. O helice vertical é movido por outro motor electrico da força de 5 cavallos, que tambem acciona uma bomba. O effeito do helice vertical é augmentado por um leme horizontal e reservatorios que, cheios de agua, levam a superstructura a flôr da agua, deixando ao navio somente uma força ascensional de 50 kilog. O ar é conservado respiravel pela eliminação do acido carbonico e addição de oxigeno, accumulado sob alta pressão.

O navio de Hovgaard, traçado para concorrer a certamen promovido pelo governo dos Estados-Unidos, não teve realisação.

Como se vê, o barco submarino seguindo o *pari passo* os progressos da sciencia veio actualmente não a realisação do conhecido *Nautilus* do fertil e erudito romancista scientifico Jules Verne, porém sim a satisfação que os actuaes conhecimentos humanos podem dar á questáo. Até hoje o maior e por assim dizer o unico empenho dos inventores tem sido construir uma embarcação submarina capaz de empregar torpedos e projectis explosivos nas obras immersas de navios inimigos; terão realisado o seu intento?

Os barcos submarinos planejados por Nordenfjeld, Goubet, Garret, Waddington, Tuel, Hovgaard, Zédé, Peral e outros, com toda a probabilidade serão empregados em caso de guerra naval e só então o seu valor pratico poderá ficar demonstrado.

No entanto que o barco submarino já não é um sonho de mente imaginosa, que pôde prestar importantes serviços, o facto de nações maritimas como a França, Inglaterra, Hespanha, Estados-Unidos, Alemanha e outras fazerem construir taes navios não deixa possibilidade de duvida. Não está resolvida a navegação submarina de modo completo, porém é licito esperar que sejam vencidas as difficuldades ainda existentes, que os barcos submarinos, ora no periodo experimental, venham a ter progresso taes que mais commodo e vantajoso seja navegar sob do que acima da superficie do mar.

Estudemos ligeiramente as condições precisas para que o barco submarino tenha um valor realmente pratico, porquanto, como ficou historiado, as difficuldades a superar residem mais essencialmente na execução dos

detalhes do que na combinação dos principios racionais em que se tem baseado os inventores.

As condições de navegabilidade submarina, em ultima analyse, consistem em: estabilidade da embarcação, estabilidade do curso, tanto acima como abaixo da agua; estabilidade da immersão em varias profundidades, facilidade de ascensão, velocidade, aeração do navio immerso, adaptação aos fins em vista.

Quanto á forma, construcção, material empregado, estabilidade do casco, estabilidade do curso, a construcção naval não encontra o menor embaraço; a forma allongada e arredondada lhas é imposta pela força de esmagamento das grandes profundidades e necessaria redução da resistencia do casco para não romper a massa aquosa; as dimensões são indicadas pela necessidade de conservar o centro de gravidade abaixo do eixo central do navio immerso, o que de accordo com a forma arredondada dá-lhes completa estabilidade. A estabilidade do curso é garantida pela pequena altura a que deve ficar o metacentro, pela differença da linha de agua a popa e a proa, sem contar que os seus movimentos de gyros nunca poderão ser muito grandes em vista da grande resistencia offerta pelos lemes, pelas largas quilhas e pela forma do casco, que sempre influirão para fazer cessar as oscillações fora do caminho.

Para a immersão, dons elementos desconhecidos a nda na época do *Poncelet*, muito contribuíram para a sua exequibilidade; são esses elementos os servo-motores e o pendulo regulador. O principio base dos servo-motores, devido a José Farcot, que em 1868 o poz em pratica, permittiu que osapparehos destinados á immersão podessem obrar simultanea e conjunctamente á vontade do experimentador; e o pendulo regulador, inventado por Whitehead e applicado nos torpedos que levam seu nome e em varios outros automoveis, auxiliando o principio de Farcot, abriu novos horizontes aos inventores de navios submarinos.

A facilidade de ascensão é funcção da immersão, conseguida facilmente pela alteração de densidade produzida já pelos helices verticaes, já pela agua expellida dos reservatorios *ad hoc*.

Quanto á velocidade, o motor que tende a dominar nos barcos submarinos sendo a electricidade fornecida por pilhas ou por accumuladores accionando dynamos, nos parece que não estará longe o dia em que se possa obter uma velocidade sinão equal pelos menos pouco inferior á dos navios de 12 n.s., porquanto é possível que as machinas electricas a bordo, que por enquanto, sem inconvenientes, não podem exceder a 650 rotações, prosigam no aperfeiçoamento que tem tido. Ora, a velocidade do navio immerso sendo effectivamente de 8 nós, por exemplo, para os fins que se tem em vista aproveitar o barco submarino, fins puramente militares, nos parece que já é sufficientes para inspirar serios cuidados ao inimigo. O motor electrico, uma vez obtida a velocidade desejada, é incontestavelmente superior aos motores funcionando por meio do ar comprimido ou da agua aquecida a 195° (14^{as} atmosferas); já pelo menor peso dos apparehos, já pelo espaço occupado e tambem pela regularidade do peso productor da energia durante o curso, sem contar que a provisão de electricidade pôde ser aproveitada quando conveniente e a da agua não, porquanto o seu emprego deve ser immediato.

A maior inconveniencia da electricidade motora em comparação com os outros meios está na sua maior despeza, e na perda de energia por escoamento.

Quanto á aeração, os processos chimicos empregados para re-oxygenação do ar, em geral abandonado este systema pelos inventores modernos, não satisfaz á questáo. De facto o ar é re-oxygenado porém os micro-organismos do ar viciado, e que são mais ou menos toxicos, não ficam eliminados totalmente. O ar comprimido, armazenado em cylindros de aço e distribuido convenientemente, é o meio empregado actualmente para

a aeração submarina, o que para numero limitado de horas de immersão é um meio perfeitamente pratico.

Quanto á navegação: o governo do submarino é o ponto que maior difficuldade tem apresentado na pratica, porquanto a visão nos é indispensavel para tal fim e essa não tem sido possível obter com o gráo de clareza necessario. Sob uma pequena profundidade já a escuridão é grande, em aguas profundas no pino do dia, as mais densas trevas cercam o submarino. A bussola, com ella não se poderá contar principalmente nos navios submarinos movidos pela electricidade, construcções de aço cheias de machinismos electricos. E' pois fatalmente imprescindivel para certeza e segurança da manobra que o navio venha á tona da agua rectificar seu caminho, esta impossibilidade de fazer rapida navegação e portanto de percorrer mui grandes distancias. Podemos concluir: o navio submarino ainda está no periodo das transformações, ainda falta-lhe um dos principaes órgãos—o da visão.

VIDAL de OLIVEIRA.

(Da Revista Maritima Brasileira.)

Fecundidade

Quasi que não ha pessoa que uma vez ou outra, quer tratando das flores do seu jardim, dos animaes de sua fazenda, quer mesmo elevando-se a considerações em referencia a especie humana ou relatando observações pessoais, não tenha tratado deste assumpto de biologia, sobre o qual daremos hoje algumas notas, que não são sem interesse, e que estarão ao alcance de qualquer, ainda mesmo que não se tenha dedicado a estudos de certa ordem.

A fecundidade pôde-se dizer de uma maneira geral que está em relação com a inferioridade. Isto poderemos verificar, passando em vista a influencia que sobre a fecundidade exercem as especies, as raças, a idade, a constituição, a alimentação, etc.

Nas especies é sabido que os vegetaes e animaes inferiores são mais fecundos do que os superiores. Em 24 horas o *mycoderma aceti* (vegetal fermento que transforma o alcool e em geral os liquidos alcoolicos em vinagre), o *mycoderma aceti*, diziamos nós, pôde engendrar tres milhares de cellulas semelhantes á primitiva.

Da mesma sorte nos animaes inferiores a fecundidade pôde-se dizer sem limites.

Pasteur tem mostrado como os microbios se multiplicam com incrível rapidez.

Se subirmos um pouco na escala, vemos que, embora menor, todavia a fecundidade é ainda muito grande.

Assim, as borboletas em cada postura dão ordinariamente 400 ovos, uma rainha de abelha de 5 a 6.000 annualmente, uma mosca pôde produzir 700.000 no correr da existencia.

Nos vertebrados inferiores a fecundidade é tambem muito consideravel.

Os peixes põem ovos por milhares.

A medida que eleva-se dos oviparos para os viviparos a fecundidade diminue; dos peixes para os reptis, dos reptis para os passaros, dos passaros para os mamiferos; e em cada grupo zoologico a fecundidade diminue á medida que o talhe augmenta; sabe-se quanto ordinariamente pare uma rata, uma porca da India, e outros animaes de pequeno corpo, ao passo que uma fema de elephante passa no periodo de gestação 20 mezes, e pare uma só cria que leva a aleitar dois annos.

Talvez seja esta relação inversa que existe entre a fecundidade e o volume do animal uma das causas do desaparecimento de certas especies gigantescas, cujas ossadas podem hoje ser vistas nos museus de paleontologia.

Um ser é tanto menos fecundo, diziamos, quanto mais elevado logar occupa na escala da evolução.

Dá-se uma opposição entre a fecundidade e a superioridade das especies.

* Mas em compensação, se de um lado ha maior numero, ha tambem maior fraqueza, e é por isto que a maior parte dos productos destas especies inferiores morre, por assim dizer, sem ter vivido, ao passo que, sendo menor a natalidade nas superiores, a maioria vinga.

A quantidade dos productos parece estar em razão inversa da qualidade.

Nas raças vegetaes e animaes tambem dá-se o mesmo; as inferiores são mais fecundas do que as superiores. Assim, por exemplo, as laranjas de qualidade boa, doces, de pelle fina, ou não tem sementes ou tem em pequeno numero; as de qualidade inferior tem em grande numero, e ordinariamente tanto mais quanto piores são.

Acontece o mesmo em todos os fructos em geral.

Além disto o numero de productos é menor nas variedades chamadas nobres; é assim que as videiras superiores dão poucas uvas, e menos vinho, mas em compensação de melhor qualidade.

Nos animaes a mesma cousa. Entre os cães as raças intelligentes são menos fecundas do que as outras.

Considerando a especie humana vê-se que as classes mais civilizadas são menos fecundas e vice-versa, e si os Hottentotes; e outros povos em circumstancias analogas de meios de subsistencia, são estereis, e que elles morrem literalmente de fome, e além de certo estado de deauperamento a fecundidade tambem diminue.

E' verdade que a diminuição da alimentação, como depois mostraremos, augmenta a fecundidade, mas isto dentro de certos limites, e não no extremo da inanición.

Feita esta ligeira observação, repetimos que as raças superiores são menos fecundas do que as inferiores. A raça branca (entre nós qualquer pôde fazer a observação; na ausencia de estatística, que nos falta), a raça branca, diziamos, é muito menos fecunda do que a negra.

De 1870 a 1880 a população negra dos Estados-Unidos elevou-se, só pelo facto da reprodução, de 4.800.000 a 6.600.000. Neste espaço de tempo um igual numero de brancos teria chegado a um algarismo muito inferior, porque, segundo o Sr. Pendleton, a fecundidade da raça branca para a da negra está na relação : 2,05:2,42.

Sabe-se com que incrível rapidez pullula a raça amarilla.

Em summa, as raças européas comprehendem 316 milhões, enquanto as raças inferiores ainda contam, se bem que em parte destruidas pelas civilizadas, 1.136 milhões.

Aqui ainda verifica-se, que a superioridade é das menos fecundas, porque a Europa, apesar da inferioridade do numero, tam-se apoderado da supremacia no mundo.

Existe, em referencia ás raças como entre as especies, uma relação entre a natalidade e a mortalidade; a mortalidade tambem é maior nas raças inferiores, e a vida média cresce com a civilização, como se pôde verificar comparando na Europa os paizes mais adelantados com os mais atrazados; é assim que a vida média, que na Hespanha e na Italia não passa de 31 annos, attinge na França, na Suecia, na Dinamarca 40 annos, sendo tambem a fecundidade menor, ao passo que naquelles é maior.

Além disto, na mesma raça, a medida da sua evolução, diminue a fecundidade e tambem a mortalidade.

E' assim que na França, por exemplo, segundo Germain, Sarrut, de 1815 até hoje a natalidade tem diminuido, ao tempo que a média da vida tem subido.

O mesmo tem-se dado na Inglaterra, na Austria, na Prussia, na Belgica, na Suecia, na Dinamarca, na Italia, em todos os paizes, em summa, em que tem-se feito estatísticas,

Fabricação da cerveja

Industria das mais antigas e aperfeiçoadas, de lucros certos si estabelecer-se entre nós nas condições em que uma industria é viavel, apesar disto a fabricação de cerveja pode-se dizer que não existe nesta provincia; ao menos não vemos no mercado os productos das fabricas nacionaes, e os que vemos, rotulados falsamente, conforme nos informam, são detestaveis drogas.

Aproveitando-se todos os melhoramentos, que os progressos scientificos teem introduzido na sua fabricação, pôde-se produzir aqui cerveja igual á melhor que se fabrica na Europa ou nos Estados Unidos, podendo-se vender, por um preço mais accessivel á maioria da população, o que será não só util, porque a cerveja é um bom alimento, pôde como tal ser considerado, e, mesmo havendo excesso da parte do consumidor, não produz os males que produz a aguardente e outros alcoolicos fortes e de que, pelo baixo preço e depois naturalmente pelo habito, são levados a abusar os que dispõem de menores recursos. Ainda mesmo que estas ultimas nunca se utilisem da cerveja, ainda existe uma classe que, em vez da aguardente, prefera o vinho, mas cujos meios mal chegam para um zurrapa inferior, confecção de uma alchimia pseudo-industrial, e de que os governos do paiz já deveriam ter dado cabo.

E' para esses, os que necessitam do vinho, mas que não o podem beber bom, que a cerveja por baixo preço convira principalmente, e não é difficil tel-a boa e barata, porque o augmento que o lupulo e a cevada, por exemplo, adquirem pelo transporte, não é tão grande que não se possa vender a cerveja a 200 réis a garrafa nas fabricas, e assim vende-se, no Rio de Janeiro. Quanto á qualidade, isso é questão de saber e ter zelo, e em vez de estragar materia prima fabricar como a arte manda.

Já não queremos que se viesse a vender aqui pelo preço do Rio, mas com certeza tal preço não deveria attingir nem a metade do da cerveja importada, e dando optimos lucros.

Seja como for, a cerveja é uma excellentes bebida e cujo uso merecia ser mais espalhado entre nós do que o desses zurrapas e aguardentes que inundam o mercado e tanto mal causam á saude.

A cerveja é uma bebida higienica; acalma a sede pela grande proporção de agua que encerra; estimula o estomago pela pequena quantidade de alcool, refresca pelo seu acido carbonico, alimenta pelas substancias azotadas, pela dextrina, o assu ar, os phosphatos e outros saes em dissolução, e é tónico e appetitivo pelos principios amargos que tira do lupulo.

Historico—A cerveja foi conhecida dos antigos egypcios, de onde passou-se para a Grecia, e depois os romanos, os gaullezes, germanos, bretões e scandinayos foram-a conhecendo. A principio preparava com trigo, passou depois a ser com cevada, e o seu nome de cerveja vem de cerevisia (vinho de Ceres, ou de cereaes).

O lupulo só foi introduzido na preparação da cerveja depois do seculo XI, quando descoberto na Alemanha. Até então perfumavam a bebida, mas com outras substancias.

Hoje a cerveja é conhecida no mundo inteiro, mas na Europa septentrional, Europa central, e parte dos Estados Unidos é que augmenta-se progressivamente, principalmente na Baviera, Wurtemberg, Belgica, Inglaterra e Irlanda.

Materias primas—As materias primas principaes nesta industria são: a cevada e outros cereaes pelos quaes ás vezes é esta substituida, o lupulo, a agua, o gelo, e o fermento ou lavadura.

De todos os cereaes a cevada é o mais geralmente empregado, porque a quantidade de amidon que encerra varia pouco de anno para anno, quando germina bem, transforma o amidon em assucar com mais energia do que outro qualquer grão, e além disto ond a industria se acha mais desenvolvida é de um preço ordinariamente menos elevado do que os outros cereaes.

Para obter-se uma boa cerveja é preciso tomar-se uma cevada compacta, bem cheia, branca no interior, rica em amidon, e cujo envoltorio exterior seja delgado, liso e luzidio. A theoria em que se baseia o trabalho com esta materia prima, firma-se nos seguintes factos:

1.º Molhando-se grãos de cereaes de maneira a impregnal-os de agua em toda a massa, e depois abandonando-os a uma temperatura branda, elles entram em germinação, e ao mesmo tempo desenvolve-se ao redor do germen uma materia azotada, chamada *diastase*, que tem a propriedade de transformar o amidon contido no grão em dextrina e depois em assucar (*glucose*);

2.º O amidon do grão, assim modificado e transformado durante esse trabalho de germinação, si é posto em contacto com agua morna, é sacificado pela diastase, e dali resulta um liquido assucarado (mosto) que, sob a influencia de um fermento, transforma-se em um liquido alcoolico.

O que acontece com a cevada acontece com qualquer materia amylacea, susceptivel de fornecer assucar sob a influencia da diastase: o trigo, a cevada, o arroz, o milho, as batatas, etc.; mas as cervejas obtidas com estas substancias são de qualidade inferior á de cevada.

Depois de cevada, a materia mais importante para a fabricação da cerveja é o *lupulo*. Sob este nome indica-se na industria os cones do *Humulus lupulus*, planta que dá á cerveja o gosto e o cheiro especial que a boa cerveja tem. Os principios activos do lupulo se acham em todas as partes do cone, mas principalmente nas pequenas granulações que existem nas bases bractéas dos foliolos, de que é formado o cone. Nestas granulações que existe de mais importante sobre o ponto de vista que nós estudamos são: um *oleo essencial* e uma *resina*; o primeiro dá á cerveja o cheiro especial, a segunda communica-lhe o sabor amargo. Com o tempo o lupulo vae perdendo de valor pela alteração do seu oleo essencial, pelo que é indispensavel empregal-o o mais novo possivel, mas o lupulo de um anno ainda pôde servir, com tanto que tenha sido collhido e conservado em boas condições.

Até hoje não tem-se podido substituir com vantagem o lupulo por outras substancias; tem-se experimentado o absinthio, a quassia, a centaurea menor, o extracto aquoso de albes, o lactucarium, e até o acido picrico, mas o que tem-se conseguido é dar somente o amargo, e esse mesmo muito differente do do lupulo, e nada de aroma. O melhor é não mudar-se.

A *agua* dest nada á fabricação da cerveja deve ser da melhor qualidade. Não deve ter cheiro nem sabor particular, pouco carregada em saes, limpa, arejada, potavel em uma palavra.

Nada de estar-se a filtrar e fazer repousar aguas impuras; isto pôde convir na Europa, onde nem sempre pôde-se fazer uma escolha de local que convenha, aqui não; entre nós por toda parte encontra-se boa agua.

E' possivel, todavia, que alguém deseje algumas notas a respeito e por isso diremos que as melhores aguas são as de rio, depois as de fontes, e por fim as de poço.

Sendo necessario purificar, convem principiar pelo repouso em tanques especiaes, afim de depositarem-se as materias alteradas ou não contidas no liquido e depois filtrar, si o repouso só não basta, através de grandes depositos cujo fundo tenha uma triplice camada de seixinhos, carvão e areia; simples ou repetidas vezes, segundo as necessidades da operação. Algumas aguas contem saes calcareos ou magnesianos em suspensão ou dissolução, e assim mesmo são utilizadas, como, por exemplo, as aguas do Isar em Munique, as de Burton ou Trent na Inglaterra, as de Pilsen na Bohemia. A separação destes saes faz-se ordinariamente pelo repouso, mas a purificação deixa muito a desejar em taes circumstancias.

Poder-se-hia, de preferencia, purificar as aguas muito calcareas, adicionando-as de um pouco de cal hydratada, que, trazendo ao estado de carbonato de cal neutro o bicarbonato

de cal tido em dissolução em agua, e decompõe igualmente o sulfato de cal que pôde ali encontrar-se, precipita toda a cal em estado insolúvel.

Este processo simples e elegante vem na «Noticia sobre a industria da agua de Figuiers». Apesar de tudo, creem algumas pessoas que é a presença de uma grande proporção de sulfato de cal na fabrica de Bass & Comp. em Burton ou Trent (Inglaterra) que o *Burton-ale* alli fabricado deve suas qualidades superiores. O mesmo refere-se das celebres cervejas de Pilsen, na Bohemia.

Seja como for, ainda uma vez repetimos: com as aguas que temos, o que convem é procurar local, antes de estabelecer uma tal fabrica.

O gelo representa hoje um papel muito importante na preparação das cervejas de qualidades superiores, não só para o resfriamento do mosto, mas também para a fermentação e conservação, se quizer estender-se a applicação até esta ultima; mas não precisa: basta empregar-se o gelo no resfriamento do mosto e na fermentação. Si na Europa não se pôde fazer cerveja de primeira ordem sem gelo, sinão quando a temperatura ambiente o permittir, entre nós é absolutamente impossivel fazer-a em tempo nenhum sem aquelle grande auxiliar, como mostraremos quando tratarmos da fabricação.

O fermento, é o agente por meio do qual provoca-se no mosto o desdobramento do asucar em alcool e acido carbonico, isto é a fermentação. Chama-se também *levadura*. A levadura é ao mesmo tempo uma materia prima e um producto da fabricação, porque o mosto, uma vez em via de fermentação, vê-se a levadura multiplicar-se com grande rapidez durante toda a duração do phenomeno, e é a levadura nova que serve para fazer fermentar uma nova quantidade de mosto. Distinguem-se duas variedades de levadura: a *levadura superficial* e a *levadura de fundo*, que dão nascimento a duas qualidades muito diferentes de cerveja: a *alta* e a *baixa*, a primeira produzida por uma fermentação a 15°, a segunda por uma fermentação a +4 ou +5, fermentações mais ou menos lentas, conforme a temperatura é mais ou menos baixa.

A levadura superficial separa-se na superficie do liquido em fermentação, a baixa é encontrada no fundo depois de retirado o mosto.

A levadura compõe-se de uma quantidade innumeravel de cellulas microscópicas, apresenta-se sob a forma de uma massa de um amarelo sujo, cheiro desagradavel, e reacção rapida. Na preparação de certas cervejas, como as belgas, designadas sob o nome de *furo* e de *lambich*, não emprega-se levadura para provocar a fermentação, deixa-se que esta produza-se espontanea, sob a influencia de germens espalhados na atmosphera, e que, achando no mosto terreno proprio a sua vegetação, ali transforma-se em cellulas perfeitas de levadura.

Composição da cerveja—E' bem complexa a composição da cerveja; acha-se nella: agua, alcool, acido carbonico, asucar (glucose) não transformado, dextrina, os principios aromaticos e amargos do lupulo, substancias albuminoides, um pouco de materia graxa, glicerina, acido succinico, phosphatos de magnesia, potassa, sôda, cal, chlorureto de sodium, sulfato de potassa, silica e algumas vezes acidos acetico e lactico, que existem em proporção notavel nas cervejas belgas *furo* e *lambich*, acima citadas.

A reacção apresentada pela cerveja é acida, devido isto aos acidos carbonico, succinico e acetico.

Os principios que entram na sua composição podem ser divididos em dous grupos distinctos: os principios *volateis*, e os principios *fixos*; sendo os ultimos os que ficam quando se evapora a cerveja á consistencia de extracto.

O extracto e o alcool, que faz parte dos principios volateis, são os elementos que mais influem sobre as qualidades das diferentes cervejas, e deixamos de dar uma taboa de diversas analyses, porque a composição varia extraordinariamente; basta prender os factos meos geraes. Segundo Payer, a cerveja dá 48 grammas do extracto por litro e pôde-se em

sua opinião attribuir a estas 48 grammas de extracto um poder nutritivo igual a um peso igual de pão.

Keller pensa que a grande quantidade de acido phosphorico contido na cerveja é uma das causas do seu poder nutritivo. Dous litros de boa cerveja da Baviera contem, segundo elle, tanto de acido phosphorico quanto 530 grammas de carne fresca.

Alterações—A grande alterabilidade das cervejas, principalmente as pouco ricas em alcool, é na maior parte devida á grande quantidade de materia organica contida neste liquido. Por muito tempo procurou-se os meios de obviar taes inconvenientes, achando as causas de taes alterações. Só muito recentemente foi que Pasteur, applicando ao estudo da cerveja os mesmos principios da alteração do vinho, encontrou que a causa eram os germens de diversos fermentos: lactico, butirico, etc., que, fluctuando no ar, e encontrando um liquido tão apropriado para os seus respectivos desenvolvimentos, veem a cair e desenvolver-se naquelle meio, provocando na cerveja verdadeiras molestias semelhantes ás do vinho, que trazem a destruição dos elementos organicos do liquido.

Ao mesmo tempo o oxigenio do ar, com o qual o mosto está constantemente em contacto, destrôe as partes aromaticas do lupulo, e destrôe-se assim o agente que servo para assegurar a conservação da cerveja e communicar-lhe o aroma.

Esses fermentos de que fallamos sem duvida nada poderiam prejudicar enquanto cozinhasse o mosto, mas resfriando este, e entrando para as cuvas de fermentação, tonneis de maturação e cubas de guarda, sempre ao contacto do ar, os fermentos haviam de infallivelmente intervir. Foi o que Pasteur descobriu, podendo-se hoje preparar cervejas inalteraveis em qualquer parte do mundo.

O modo de preparação de Pasteur, e o emprego do gelo são incontestavelmente os dous maiores progressos que esta industria tem feito, e muito propositalmente quizeis trazer, embora ligeiramente, deste ponto, afim de chamar a attenção do leitor para a fabricação, de que trataremos depois, tendo-nos já estendido nestas generalidades quanto era necessario para a comprehensão do assumpto.

(Revista Popular.)

O Pessimismo

Conferencia feita no Instituto do Ceará pelo Dr. Virgilio Brigido

Senhores do Instituto.—Comprometti-me um tanto levianamente a fazer, não uma conferencia, o que seria demasiada pretensão minha, mas uma singella palestra entre os meus confrades do instituto, tomando por objecto o Pessimismo.

Uma conferencia sobre o Pessimismo! Como fazel-a em tão breves momentos, si esta vastissima materia abrange uma tão consideravel extenção no tempo e no espaço? Como circumcrever em tão apertados limites esta philosophia, que passou como uma negra lagrima queimadora atravez do coração humano, desde o «Lotus da boa-fé» até os ultimos descendentes do «Mundo como vontade e representação»? Historia tão ampla e tão extensa, que lhe são capitulos a historia das letras, e das artes, a da industria, a dos costumes, em cada epocha de sua florescencia? E de modo delinear essa historia, tão complexa, sem um lance de vista mais ou menos demorado sobre o desenvolvimento das sociedades, da sua pathologia, da sua hygiene, no periodo genetico dessa doença do espirito, que actualmente, e o mais do que nunca, afflige as classes instruidas, e emferma todas as manifestações da intelligencia: a philosophia, a pintura, a poesia, o romance, a escultura, até a musica, que mais que nenhuma outra se presta á expressão de sentimentos pessimistas, a ponto de se poder dizer que Wagner é Schopenhauer cantando? E tudo isto não seria materia para um livro,

um volumoso livro de absorver longos annos de paciencia e de meditação?

Bem veem, senhores, que é me impossivel solver o compromisso tomado em toda extenção dos seus termos. Mas para dar razão á palavra empenhada vou procurar um ponto de apoio sobre o qual fique a tona desse lago immenso, sem proceder a sondagem e a verificações, contentando-me em convidar os meus illustres ouvintes a olharem por essa extensão afóra e olhar eu tambem, que me encanta a vista, pelas mais largas linhas, pelos mais amplos contornos, sem nada querer aprofundar, com receio de resvalar para o fundo e perder-me irremissivelmente nessa immensidão sem termos.

Olhemos, pois.

Sem discurrir, (porque nada devo discutir nesta palestra, mas somente expor), sem discurrir si o Pessimismo é uma philosophia na stricta significação scientifica da palavra, ou simplesmente um *dogmatismo immanente*, como lhe chamou Schopenhauer, examinemo-lo apenas nos seus elementos externos, como phenomeno sociologico, ora manifestando-se inconscientemente, quasi que producto morbido do espirito de uma epocha, ou de uma nacionalidade, ora systematisando-se em um corpo do doutrina, como succedeu na India, na Italia e na Alemanha.

A mais elementar observação descobre desde logo que o Pessimismo não é um phenomeno moderno, uma feição particular da nossa epocha. Tem-se manifestado em todos os paizes, em todos os tempos, em que uma certa civilização tem tido incremento. Vem-o na India, na Grecia, em Roma, na Persia, na idade media, nos tempos que correm; aqui nas queixas plangentes dos poetas, nas arengas dos videntes, nas lamentações dos prophetas, ali como uma nova moral libertadora; além como uma philosophia de desalentos. Nem uma raça ainda escapou a esses assomos de máo humor e de desespero, estimulados quasi sempre pelos descontentamentos do presente e pelas incertezas do futuro.

O traço caracteristico do Pessimismo, o que desde logo se offerece ao olhar do observador, é a decadencia; sempre o encontramos á assignalar uma epocha do de desanimo e de miseria moral, de enfraquecimento e desagregação das forças sociaes. E' na India ao termino do forte periodo Vedico, que marcou o apogeo daquela civilização mysteriosa e esoterica; é na Persia ao termo da phase esplendorosa das conquistas, das riquezas assombrosas, dos reis soberbissimos, dos exercitos tão numerosos como as areias do mar e como a as estrellas do céu; pessimismo de que se embebeo admiravel poema Rubayyat no poeta Omar Khayyam. E' na Grecia ao apagar-se o deslumbrante clarão, o maior talvez que já illuminou a humana intelligencia. E' em Roma na hora de seu desmoronamento, quando Lucrecio lançava aos quatro ventos do espirito o seu canto materialista, e Juvenal fugitava com a vergasta quente de suas satyras a face daquelles *severos debachados*, como elle lhes chamava. E' por toda parte, emfim, como fructo málsão de arvore moribunda.

E' phenomeno de todos os tempos, dizia, e de todas as regiões, porque em toda parte ha na vida um elemento de tristeza, que ora assoberba rugidor e tempestuoso, ora se esconde por detraz de um optimismo, como aquelle epicurista de Horacio, que nem era bastante denso para incobri-lo de todo.

Dum loquimur fugerit invidia: ota: dizia o favorito de Mecena.

Ha, porém, que em nenhuma parte assumiu elle as proporções de uma religião ou de uma philosophia como na India e na Alemanha, Budhismo alli, Schopenhaurismo aqui.

O Budhismo é o grande typo das doutrinas do Nada, para o qual a suprema ventura consistia no aniquillamento completo do ser material e moral.

As instituições sociaes, que os Arias transplantaram para a peninsula do Ganges, depois da sua conquista, tinham como garantia a communa, *Communitas* de *villagio*, como

diz Guizeppa Carle, no seu bello livro *Vita del Diritto*. Este regimem obrigava-os a uma certa simplicidade de vida, que muito contribuiu para a pureza dos costumes, e engrandecimento da patria. Porém, ou porque influisse o clima sobre as instituições transplantadas, ou por circumstancias peculiares, dessa communha veio pouco a pouco surgindo a rigida instituição das classes a distincção das castas. No periodo veddico o pater familias lavrava o campo, apresentava o rebanho, tomava as armas na guerra, e celebrava os sacrificios, porque era ao mesmo tempo pastor, sacerdote e guerreiro. Na transição deste para o período brahmanico, ja a cousa se dava de outro modo. Havia communhas de tendencias pacificas e contemplativas, occupadas em compor hymnos religiosos, em dar um caracter mystico e divino ás iradições do passado. Outras havia amigas da caça, e da guerra; outras emfim, dados ao commercio, ás especulações mercantis, ás profissões diversas. Da differença de occupação nasceu a differença de casta. A principio foi tudo muito bem. A classe mercantil dos *Vaicya* enriqueceu-se a ponto de poder sustentar a classe dos guerreiros, que eram os *Kshatriyas*, a dos sacerdotes, que eram os *Brahmanes*. A rivalidade porém não se fez esperar, e porque a classe dos brahmanes era a mais intelligente, adquiriu a decisiva preponderancia, sancionada pelo codigo de Manu, em uma serie de preceitos terminantes; diz elle (liv. IX § 322): os *Kshatriyas* não podem prosperar sem o brahmanes... Para conservação da criação inteira, o ser soberanamente glorioso assignou occupações diversas áquelles que Elle tinha produzido de sua bocca, isto é, os *Brahmanes*, áquelles que tinha produzido do seu braço, isto é, os *Kshatriyas*, da sua côxa, os *Vaicyas*, e dos seus pés os *Sudras*»

— I § 87.

«Pela sua origem, pois deriva do membro mais nobre, porque nasceu primeiro, e porque possui a santa escriptura, é o Brahmane de direito o Senhor de toda a criação.» I § 93.

A classe dos *Sudras* era composta dos indigenas da peninsula. Della dizia o Codigo de Manu:

«O Senhor deu aos *Sudras* um unico officio: servir as classes precedentes. Elles são por sua natureza excluidos da leitura dos livros sagrados e da investidura do sagrado cordão. I § 91.

Investido de taes e tão sublimes attribuições, considerado como um semideus pelas outras classes, o Brahman tornou-se terrivel de vaidade e de soberba; impunha regras de moral severissimas, obrigando a multidão a preceitos complicados e ridiculos, cuja menor infracção era punida com penas atrozes. Acreditavam esses infelizes que o poder do Brahman se estendia até além da morte, e que a sua colera os havia de perseguir nas suas diversas incarnações. Desolava-os a idéa de passarem ao corpo de um animal immundo, para punição de suas culpas, e preferiam, por isto, soffrer toda a sorte de castigos de affrontas e de vilipendios.

Ao despotismo espiritual dos Brahmanes juntava-se a tyrania dos soberanos e da classe superior, que esmagavam-os com o peso de sua arrogancia, empobrecendo-os com repetidas e despropositadas contribuições, e sacrificando-os em luctas caprichosas e estereis.

Em taes condições, nem ao menos havia a consolação na morte, porque além della se estendia a mão vingativa e inevitavel do Brahmane. Onde achar consolação para suas miserias, remedio para seus males, conforto para seus terrores? Onde encontrar uma barreira áquella torrente de males, que brotava do seio de Brahman, do Ser infinito e glorioso, e se alastrava por toda a face da terra, inexoravel e fatal, abraçando as fontes da vida, pondo uma gotta de fel em cada sorriso, uma agonia em cada coração? Como viver, si o viver era um mal? Como morrer, si a morte era um mal maior?

E' então que *Çakia-Muni*, o Schopenhauer, daquelles tempos obscuros, appareceu. Veiu, concludido daquella onda crescente de dores, abri-

novos horisontes á consciencia, dar uma luz á caligem daquellas almas, lançar a semente de uma nova doutrina em terreno sufficientemente amanhado pelo soffrimento.

As antigas concepções religiosas, que fizeram a felicidade dos veddas, essas estavam já completamente apagadas nos espiritos. *Kapila*, para remediar o mal, tentara explicar a crença dos Brahmanes, mas havia chegado ao absurdo, á contradicção manifesta e desoladora. Perdida aquella crença salutar e primitiva, onde encontrar novas concepções, que remediassem os males actuaes? de que encher o vazio, com que nunca se acostuma a consciencia humana?

E' *Çakia-Muni* o portador da boa nova; é esse filho de rei, que veste os antrajos de mendigo, e vem trazer uma esperanza a alma desalentada dos Indus. Sobre aquelle supremo desespero erige elle o edificio de sua religião, a qual, nascida do desespero, tinha logicamente de acabar no Nirvana. Pregou a castidade, a caridade, o perdão das offensas; prometteu aos que o seguiam o livramento de todas as resurreições futuras, das periginações successivas, dando como suprema recompensa o aniquilamento, a absorção final no grande Ser, no Nirvana. Apagou as distincções de castas, simplificou os ritos complicados, reformou os cultos, dando assim um grande alivio aos espiritos opprimidos, que o proclamaram o Grande Libertador. — A principal virtude de sua doutrina era a piedade; della como de uma fonte inexgotavel brotava todo bem:

«Não faças mal aos outros; são tão desgraçados que o mal que lhes fizeres perde-se no infinito de seus males».

Essa doutrina, porém, foi perdendo a sua formaprimordial, a proporção que a sociedade se reconstituia ao influxo das novas crenças. O seu nada foi pouco a pouco se povoando de sombras superiores, de espiritos bemfazejos, transformando-se na mánsão dos bemaaventurados, daquelles que tinham vivido segundo as quatro verdades e os oito preceitos de *Çakia-Muni*, e acabando por tomar a feição de todas as religiões reveladas, com o aspecto particular á cada raça, que a ella se filiava, na India, na China, na Mongotia. Para o Budhista, como affirma Max Muller, a vida é um sonho, um fardo insupportavel, uma dor constante, sem solução favoravel.

Budha nega a existencia do creador, do Ser absoluto. Nada é real no passado e no futuro. A verdadeira sabedoria consiste na percepção do nada de todas as cousas, no desejo de em nada se tornar, de ser aniquilado como um sopro, de entrar no Nirvana, que é a extincção. E para lá chegar? Só ha dous caminhos: a morte ou o ascetismo, o desaparecimento completo ou a completa libertação de todos os desejos e de todos os sentimentos pela illuminação da intelligencia, porque, diz *Çakia-Muni*, «a existencia é o mal, o que produz a existencia é o desejo; o que produz o desejo é a percepção das formas illusorias do ser.» A suprema sciencia, portanto, é a ignorancia deixando de ser ludibrio de si mesma. Ella percorre successivamente quatro etapas: conhecer a natureza e a vaidade de todas as cousas; abolir em si o juizo e o raciocinio; attinir á indifferença; chegar ao desvanecimento de todo prazer, da consciencia toda, de toda memoria. Então começa o Nirvana: extingue-se a luz, vem a noite, vem o nada. Este nada porém só se consumma na alta esphera do Nirvana, em que nem mais a idéa do nada existe, só o nada, o nada absoluto, a extincção...

Agora perguntamos, si o Pessimismo é um estado pathologico de uma sociedade, como é que na India, não obstante épocas de prosperidade e de saude moral, a religião do Nirvana tem perdurado por tantos seculos?

Primeiramente, como já indicamos, ella perdeu a forma primitiva, e si bem que ao fundo guardasse uma idéa predominante, todavia foi envolvendo conforme envolvia a sociedade de que era alma e a crença vitalisante.

Em segundo logar, ella proclamava como dogma primacial uma igualdade real e inuldivel, que abolia todos os velhos privilegios

das castas e das classes, fazendo disto o segredo de sua força e de sua vitalidade. Depois, quem sabe si a fossilisação em que cahiram as instituições daquella civilização, que estacionou ha dezenas de seculos, não tem sua causa nessa religião, que consagra a vida contemplativa como o ideal dos meios para os fins supremos? a quietude como meio de salvação?

O facto é que aquelle povo, que na epocha da conquista tinha revelado um energico senso do justo e uma vigorosa intuição das condições necessarias á vida social, como o provam os seus hymnos religiosos, as suas esplendidas epopeias, os seus systemas de philosophia, e seus grandes momentos juridicos, parou em um certo grau de civilização e ali adormeceu por seculos, indifferente ao movimento do mundo, que progride, como o Brahmane santo na porta do Pagode ipnotisa-se, immovel, na contemplação do Nada Supremo.

Ahi fica a largos traços o Pessimismo feito uma religião e sendo o guia espiritual e moral de centenas de milhões de homens.

Vamos dar agora um salto prodigioso, sem temer que nos fascine a violencia do arremesso, atravez das edades, de raças e de regiões differentes. Passemos sobre aquelle Pessimismo Hebreu, dominado pelo olhar severo e implacavel de lavel, tendo na morte a unica esperanza de alivio ás miserias do mundo, e inspirando livros admiraveis e profundamente tristes como o *Ecclésiastes* e o livro de *Job*. Deixemos a Grecia polytheista, com o seu inflexivel destino — Moira — a que deuses e homens estavam fatalmente presos, e que formava o eixo das suas grandes tragedias, dominando, constringendo a vontade dos heroes, que morriam no desespero da montanha, á garra adunca dos abutres, na insaciavel sede do indefinido. Deixemos de parte aquella escola pessimista, aberta pelo fumoso Hegesias, tão eloquente na pintura das miserias da vida, que recebeu o nome de *Peisithanatas*, (que quer dizer: o que persuado para morte), escola que foi mandada fechar para subtrahir os ouvintes ao contagio do suicidio.

Não lembremos aquellas palavras profundissimas de Eschilo, que são, por si sós, a synthese suprema do soffrimento irremediavel, que brota, desenvolve, floresce e propaga-se frondente e luxuriante, como uma planta maldicta: *Pathos anthey!* Cerremos ouvidos ao *carpe diem* gemido pela cidade das cidades.

Mas, Seneca? Para que, dizia elle, chorar em detalhe, si o conjunto da vida é deploravel?

E Marco Aurelio? — «Oh, morte não retardes o teu passo...»

Sim, deixemos todo esse pessimismo individual, si bem que profundo; passemos, de olhos cerrados, por esse grande tunel aberto na historia, chamado idade-media, e abeiremos-nos do inquietante problema contemporaneo.

Como vimos, o Pessimismo tem sido sempre o producto da incerteza do espirito em uma época de instabilidade e de desgarnisação. A lei é geral, para os dias de hoje, como para os dias do passado, na India como na Europa.

No seculo 18^a a instrução não se derramava por todas as camadas sociais, como hoje em dia: por tal maneira era ella limitada que Voltaire contentava-se com cem leitores para seus livros, o que sem duvida devia ser aspiração de ambicioso escriptor. Os philosophos, os poetas não se inquietavam com fazer-se entendidos pela multidão. Foi creada por isto uma litteratura de artificio, uma philosophia de corte, que era o aperfeiçoamento requintado das velhas escolas theologicas, transformadas em metaphisica immanente. Desse requinte brotaram os grandes ideaes, que dilataram as aspirações, mergulhando a intelligencia em um sonho encantador, sonho de que em breve despertou com uma interrogação perspicaz e inquietante. Hume e Fichte debalde rasgaram novos horisontes ás magnificencias philosophicas, debalde procuraram apagar na alma humana, inquieta do futuro, a obstinada interrogativa.

Veiu Kant, entrou pela floresta das philosophias adentro, de machado em punho, o machado formidavel de um assombroso criterio,

e reduziu o velho matagal metaphisico ás nimias proporções da inanidade, demonstrando de uma maneira precisa a irremediavel, a improfficuidade dessas doutrinas.

O espirito apavorou-se deante dessa *Razão pura*, que tudo desmoronava; desse demolidor implacavel, que não deixava pedra sobre pedra daquellas doces e esplendidas construcções, em que, por seculos, se refugiaram as almas, como castellães nos palacios rendilhados do Rheno.

Que fazer? Voltar para o metaphisicismo? Lá estava o solitario de Keutigsberg guardando-lhe a entrada com a *Critica* inflexivel, a maneira de espada flamejante. Para onde ir? Como escapar ás duvidas creadas pela *Razão pura*? Como encher o vasio, que ella fizera em torno das velhas crengas adoradas?

Hegel, com o seu grande espirito equilibrado, e Schelling com a sua magnifica concepção da theoria, comprehenderam uma necessidade de uma solução para aquelle estado da alma, e tentaram reconstruir a metaphysica mutilada. A obra, que elles tentaram, era prodigiosa e consistia em recompor peça a peça o edificio que Kant destruiu, não somente nas paginas dos seus livros, mas ainda na consciencia publica.

A alma humana não precisava de reabilitações impossiveis; tinha necessidade de crengas novas, bem vivas, bem humanas, que a vingassem daquellas fundas decepções. Porém Hegel e Schelling prometiam, e por um momento a sua philosophia foi a consoladora dos homens.

Hegel teve um successo universal e prodigioso. Era uma philosophia refugio.

Todos os espiritos apavorados com os resultados do Criticismo gruparam-se febrilmente em torno deste ultimo *apriorista* da razão absoluta, e durante 30 annos soffreu a Europa dessa epidemia philosophica.

Contudo eram bem fundas as feridas para mediocres consolações, e o grandioso systema hegeliano deixara os espiritos mais attonitos e maravilhados do que convencidos. O deslumbramento já perdurava demais; ia para ceder, tinha de finir-se.

Ao mesmo tempo que Hegel, caminhavam, em direcções diversas, para um ponto de vista Augusto Conte e Saint-Simon, para outro Schopenhauer e Leopardi. Hegel havia quebrado o ultimo encanto da metaphysica. Agora só havia, ou tomar Kant como ponto de partida para novas indagações, procurar sobre essa base, uma via ao novo philosophar; ou desesperar de Kant e do metaphysica, por incapazes de corresponder ás exigencias do espirito especulativo, e concluir pela miseria de tudo, pelo aniquilamento. A. Gomte seguiu pelo primeiro caminho, Schopenhauer pelo segundo.

Para a obra do philosopho francez eram precisos os materiaes da mais rigorosa solidéz metaphysica; para adquiril-os fazia-se mister um trabalho persistente, uma longa paciencia. Dali o insuccesso por longos annos desta sabia philosophia, que não podia pelas suas difficuldades descer ao grande numero.

Portanto, diante da queda do Hegelianismo, e das difficuldades do positivismo, todos os olhos si voltaram para Schopenhauer, cuja elegante e poetica philosophia correspondia mais ou menos ao estado geral dos espiritos. e, facilmente assimilavel, offerecia uma prompta solução ás incertezas da razão; achando-se ou dizendo echar-se justamente no caminho de Kant, a quem instinctivamente se pedia remedio para o mal, que elle mesmo fizera.

Este impulso para o Pessimismo foi tão intenso que se communicou a todas as fontes vitais da intelligencia.

Ha entre Schopenhauer e Kant uma differença profunda. A obra deste tem uma significação clara e precisa: é discussão e demonstração definitiva desta these:

« A metaphysica não pôde em caso nenhum ir além da experiencia. » Schopenhauer não era propriamente um philosopho na extensão rigorosa do palavra, era um moralista á maneira de Vauvenargue e de Larochefoucauld. Construia moral porque, sendo estante

culto para ver a vacuidade do hegelianismo não era contudo bastante solido para continuar a obra de Kant, sendo lhe tambem embaraço o elevadissimo sentimento artistico de que era dotado.

Quereis ver o plano de sua philosophia? Elle proprio dá uma synthese nestas palavras caracteristicas:

« A verdadeira concepção philosophica do mundo, diz elle, aquella que nos leva ao conhecimento da sua intima constituição e nos conduz fóra das apparencias, é exactamente aquella que não indaga, nem donde vem o mundo, nem para onde vae, nem porque existe, mas como existe; que considera as cousas, não segundo uma relação qualquer, ou como apparecendo e desaparecendo, ou segundo uma das fórmulas do principio de causalidade; mas que tem por objecto aquillo que fica depois de ter sido afastado o ponto de vista que decorre daquelle principio de causalidade, e que apparece em todas as relações sem lhes ser submettido, quer dizer, a existencia do mundo e suas idéas. Uma semelhante noção é a fonte da arte, da philosophia, e desta disposição de espirito, que é o unica capaz de levar á bemaventurança, á libertação do mundo. »

Eis ahi o motivo de sua philosophia. Nas suas meditações sobre as vicissitudes da vida, e sobre as dores do mundo o philosopho descobriu que a vontade se distinguia profundamente da intelligencia, que era a unica coisa cujo conhecimento immediato nos é accessivel, que era enfim o centro, o piaó de tudo.

Em torno desta idéa elle grupou tudo: moral, politica, direito, arte, sciencia, historia; ligou a ella todos os seus vastos conhecimentos, todas as suas meditações, absorvendo nella o seu temperamento cheio de misanthropia e de desdem.

Fez da Vontade a mysteriosa e imp'acivel alma do mundo, e do mundo uma representação mental (*Vorstellung*). Essa Vontade ficou sendo a essencia mais intima o núcleo, para assim dizer, de cada causa individual e igualmente da totalidade da existencia. Em um attento olhar introspectivo se vê que a Vontade fórma a mat'ria e o objecto da nossa consciencia. O espirito cognocitivo não pôde ser conhecido na consciencia pessoal: o que ahi é conhecido é a Vontade, porque não somente as volições e as resoluções no sentido estrito, mas tambem todo o esforço, o desejo, a aversão, a esperança, o temor, o odio, o amor; tudo que compõe immediatamente a nossa felicidade ou as nossas desgraças, o prazer, a dor, não são mais do que affirmações da vontade.

Quanto mais se desce na escala dos seres, mais diminue a intelligencia e mais predomina a Vontade. ... Um é tão dependente da outra que a intelligencia não pôde preencher as suas funcções enquanto a Vontade está em silencio e se repousa.

A Vontade é, pois, a realidade suprema, o *nomen* para todos os outros phenomenos do mundo, o ser estranho ás fórmulas do tempo e da pluralidade. A ausencia de fim, de qualquer limite, pertence á sua natureza em si, que é um esforço infinito.

Agora, dessa Vontade, alma de tudo, desse esforço effectivo, decorrem todas as conclusões pessimistas de Schopenhauer.

Diz elle que a Vontade é, de sua essencia, um esforço infinito, e o esforço indica necessariamente um soffrimento, porque vem elle de uma imperfeição. Como a natureza da Vontade é de se esforçar e ella é o elemento real e permanente da nossa natureza, é impossivel haver uma satisfação a esse esforço, uma consolação a esse soffrimento. Dahi a affirmação de que só a dor é positiva decorre immediatamente daquella força effectiva e irradiavel.

Assim conclue elle tristemente:

« Todo o nosso esforço, para nos libertar, é vão. A vida humana vacilla entre a dor e o aborrecimento, que são os seus dous polos inevitaveis. »

E qual o remedio, qual o meio de fugir ao mal, que assoberba?

O suicidio, o ascetismo, ou a arte. O suicidio é cortar o mal radicalmente. O ascetismo leva o homem até a renuncia voluntaria de tudo, até a castidade absoluta, estacando a fonte da vida, até a negação do quer r viver (Lolan Wollan). A arte, que é uma contemplação, liberta da Vontade, livra do esforço, e por isto estabelece uma paz intima, tornando as imagens da vida cheias de encanto, e nos fazendo esquecer os duros soffrimentos que nos inflinge aquelle *numera*.

Eis o Pessimismo e as suas consequencias desoladoras; eis ahi a summa dessa philosophia curiosa e melancolica, que veio acolher os espiritos agitados pelas incertezas de uma época de critica e de analyse desapiedadas; eis ahi a fonte dessa do-nça moral ou intellectual, que tem assolado a consciencia humana, produzindo tanta somma de infelicidade e de desespero.

Na confiança exaltada dos fins idéaes, fiando-se demasiadamente nos seus esforços, confiança e fé que lhe davão os grandes acontecimentos politicos e sociaes, que fizeram a consagração da democracia, e a serie de triumphos obtidos pelos novos methodos de investigação, — o homem moderno atirou-se á afanosa lida em prol de aperfeçoamento, á interminavel campanha pela felicidade.

Pediú á sciencia luz para guial-o, e ao ventre da terra meios para lá chegar. Neste proposito, tudo inventou, tudo creou, tudo submetteu, das entranhas do mar ao fugitivo raio. E quando já cansado de luta, quiz dar balanço no activo e passivo de sua *psyché*, para com o resultado repousar, olhou para dentro de si e viu com asombro que apenas tinha conseguido enriquecer-se e descer. E fez-se então na sua consciencia a desoladora certeza que unica felicidade está em aspirar e crer, aspirar á justiça e crer no amor infinito.

A critica invadiu tudo, a analyse tudo decompoz.

Nada foi respitado, deuses e religiões, artes e philosophias. Todas as cabeças penderam sobre o livro e sobre os instrumentos de laboratorio; perfuraram-se montanhas, rasaram-se istmos, e de tudo isto surgiram as verdades scientificas e as leis historicas, como uma legião temivel armada de ironia pungitiva, a destruir os ultimos refugios da crengas, consanguindo apagar a divina chama da phantasia e do mysterio, que sem duvida, formam a tunica immaculada e inconsutil da felicidade.

Dahi resulta que, enquanto a intelligencia encontra na investigação vasta messe com que satisfazer as suas aspirações cognocitivas, nenhuma nobre formula artistica se propõe a satisfazer as aspirações emocionaes. D'sse desequilibrio nasceu sem duvida a consciencia de uma certa instabilidade, que é a predisposição para a philosophia do nada.

Nem mais a grandiosa arte dos seculos anteriores pôde corresponder ás necessidades da emocionalidade moderna. Mudadas as aspirações e os costumes, á luz de novos e amplos horizontes, na confusão das industrias, no fragor da concurrencia vital, no afan de cunhar moeda, ao ruinar do milhao rapido, — aquella espontanea e magosa arte tomara a feição de velha dama empoadada e misereira, desolada de seu mundo e do seu tempo, ainda na solemnidade convencional de um regio miquete.

Depois, nada é firme actualmentes na Europa. Uma pungente inquietação attribua todos os espiritos: as instituições vacillam; e por debaixo dessa apparencia de grandeza que ostentam os principaes Estados, a Franca, a Russia, a Inglaterra, a Alemanha e a Italia, sentem-se rugir medonhamente as entranhas do vulcão da miseria, que ameaça explodir e tudo devorar em um cataclisma medonho.

Na Alemanha sobre tudo. Alli ha uma nação de soldado superposta a uma nação de necessitades, cujas misérias remordem-se lugubramente sem uma valvula por onde escapem. Alli o soldado não é o sustentáculo de uma grandeza politica, é a tampa de uma fornalha prestes a arrebentar. Nesse

paiz pobre e que o soldado devora, a crise economica é espantosa. a industria vive de contrafações; e a barateza do braço é de fazer piedade. E a prova desta miseria profunda é que em 18 annos, não obstante os rancores da guerra e os odios tradicionais de raça, emigraram para a França inimiga e odiada 2 milhões de allemães, e 5 para a Republica Americana! Naquelle paiz, os milheiros de baionetas, de que se irriça o solo do esteril Brandebourg, empregam-se antes em vigiar as typographias, os escriptos, as tribunas para conter e abafar a revolta eminente, do que em vigiar a fronteira temida.

Na Italia o milagre de Mariani mal pôde desfargar a ruina economica e financeira. Na Russia e na Inglaterra a questão agraria leva o irlandez e o mujik a excessos desesperados.

E na França? na risonha França amável, a patria da canção e do Valdeville, o vive ro dos herões? Alli yae-se o mal infiltrando profundamente. Não se manifesta nesse odio rancoroso da vida, o que é terrível; mas em uma especie de cynismo intellectual, o que é peor; pois produz o typo exotico e doente do dandysmo pessimista, que tem aversão ás cousas vulgares, que é inimigo do burguez e da placidez da vida; que despreza o amor calmo da familia, e acha ridiculo o conchego do lar. A um infeliz atacado do mal perguntava o medico:—Que vos dóe?—Dõe-me a vida, doutor;—foi a resposta convencida do misero.

Fastio de viver, *tedium vite*, é o que elle tinha. O dandy pessimista olha para a humanidade de um ponto de vista exterior, como si elle não fizesse parte della; e correcto, ironico, impassivel, pnyasiano, decidente, com a nervose na alma, como uma flor na botoeira, sorri amarga e superiormente para a multidão que se afana no labyr infructifero e burguez, e vae existencia miseravel entre as elegancias impecaveis e os tedios mortaes. Para elle só uma cousa é digna de atencões e de cuidados, é o gosto, que elle apura com um requinte subtil, com uma delicadeza tímida e escrupulosa, que se traduz no japonismo, no bibelotismo e no brie-a-brac, que vão de par com o Pessimismo.

Eis o estado em que a philosophia do nada encontra a alma europæa. Nenhum terreno havia mais proprio para germinar a semente lethal. Tudo trazia essa doutrina, desde a forma deslumbrante até a idéa mais sublimada: Schopenhauer e Hartman tinham o dom inestimavel de dizer brillantemente, seductoramente as cousas menos brillantes e menos seductoras.

E a semente germinou e a planta floresceu. E hoje as gerações curvam a cabeça na certeza de que a vida, como diz Schopenhauer, é uma caçada incessante, em que os seres, ora caçadores, ora caça, desputam os bocados de uma horrivel carnefina; é uma guerra de todos contra todos, uma sorte de historia natural da dôr que se resume assim: querer sem motivo, lutar sem tregua, depois morrer, e assim por diante até a consummação dos seculos, até que este miseravel planeta relente em estrilhos infinitos: »

E o remedio para este mal? Está no proprio mal. Producto de uma época de transição e decadencia, tem de com ella passar. E o remedio está em accelerar o mal, em precipitar a transição para entrarmos na nova era de esperança e de prosperidade, em que, das ruínas, das combatidas sociedades actuaes surjam as sociedades novas, fundadas sobre uma justiça mais recta, amparadas por um direito mais justo.

Si o tempo me permittisse e a vossa paciencia, tocaria em outros pontos interessantes da questão; mas de mais tenho abusado da vossa complacencia, que vos fez ouvir estas tiradas incoherentes, que nem bem disseram as cousas importantes dessa doutrina melancolica que nos faz cerrar os olhos em desespero e chorar as miserias do nosso nada.

RENDAS PUBLICAS

ALFANDEGA DO RIO DE JANEIRO

Rendimento do dia 1 a 12 de janeiro de 1892.....	2.735:790\$573
Rendimento do dia 13.....	213:365\$122
Em igu 1 periodo de 1891....	2.949:155\$695
	2.181:913\$483

RECEBEDORIA

Rendimento do dia 1 a 12 de janeiro de 1892.....	256:908\$823
Rendimento do dia 13.....	14:974\$608
Em igual periodo de 1891....	271:883\$431
	420:481\$404

MESA DE RENDAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NA CAPITAL FEDERAL

Rendimento do dia 1 a 12 de janeiro de 1892.....	388:882\$836
Rendimento do dia 13.....	10:751\$789
	399:634\$625

NOTICIARIO

Conferencia—A conferencia havida entre os Srs. ministro da agricultura e conselheiro Gaspar da Silveira Martins, não foi solicitada por aquelle, segundo publicou um dos jornaes desta capital.

Pagadoria do Thesouro—Pagase hoje a folha do corpo de bombeiros.

Correio—Esta repartição expedirá malas hoje pelos seguintes paquetes:

Pelo *Advance*, para Santos, recebendo impressos e objectos para registrar até ás 2 horas da tarde, cartas para o interior até ás 2 1/2, ditas com porte duplo até ás 3 idem.

Pelo *Pelotas*, para os portos do Sul, até Montevideo, Matto Grosso e Paraguay, recebendo impressos até ás 9 horas da manhã, cartas para o interior até ás 9 1/2 e ditas com porte duplo e para o exterior até ás 10.

Amanhã:

Pelo *Penedo*, para Victoria, recebendo impressos até ás 5 horas da manhã, cartas para o interior até ás 5 1/2, ditas com porte duplo até ás 6 idem, e objectos para registrar até ás 6 da tarde de hoje.

Pelo *Arminio*, para Santos, S. Sebastião e Villa Bella, recebendo impressos até ás 7 horas da manhã, cartas para o interior até ás 7 1/2, ditas com porte duplo até ás 8 idem, e objectos para registrar até ás 6 da tarde de hoje.

Pelo *Progresso*, para Nova York, recebendo impressos e objectos para registrar até ás 11 horas da manhã, cartas para o exterior até ás 12 idem.

Obituario—Sepullaram-se no dia 8 do corrente a as seguintes pessoas, fallecidas de:

Accesso pernicioso—o paulista Frederico, filho de Petronilha Lousada, 1 anno e meio, residente e fallecido no largo do Rocio n. 18; o portuguez José Francisco Lopes, 63 annos, solteiro e fallecido na Ordem do Carmo; o hespanhol Joaquim de Oliveira, 49 annos, casado e fallecido no hospicio da Saude. (Total 3.)

Apoplexia cerebral—o mina Pompeu, 45 annos, e verificado o obito no necroterio.

Beri-beri, o fluminense Lucio Pereira Raymundo, 32 annos casado, residente á rua larga de S. Joaquim, n. 38.

Bronchite capillar—Elizabeth, filha de Maina Peruzzi, 2 annos, residente a bordo do vapor *Paraná* onde se verificou o obito.

Cachexia palustre—o portuguez José de Almeida Carneiro, 42 annos, casado, residente na rua da Saude 134 e fallecido na Santa Casa.

Chirrose—a ingleza Elisabeth Catt, 44 annos, solteira, residente na ilha das Flores e fallecida na Santa Casa.

Congestão cerebral—o fluminense Manoel de Souza Lima, 33 annos, solteiro, residente e fallecido á rua Barão de S. Felix n. 198.

Convulsões—o fluminense José, filho de José Joaquim de Souza, 7 mezes e 7 dias, residente á rua do Conde d'Eu n. 303.

Enterocolite—os fluminenses Idalina, filha de Belmira Barbosa Coutinho, 7 mcses, residente e fallecida á rua do Dr. Nabuco de Freitas n. 91; Gastão, filho de Pedro Moutinho dos Reis, 23 dias, residente e fallecido na estação do Encantado; Rufina, filha de Maria de Jesus, 1 anno, residente e fallecida á rua Felipe Camarão n. 1. Total, 3.

Eclampsia infantil—o fluminense Antonio, filho de João de Souza Tavares, 22 mezes, residente e fallecido á rua Pedro II, esquina da rua Cornelio.

Febre amarella—Melowischi, 25 annos presumiveis, residente á rua Conde de Figueiredo e verificado o obito no necroterio; o francez Brunier Jorge, 60 annos, casado, residente á rua do Riachuelo n. 11, e fallecido no hospicio da Saude; o mineiro Antenor Simões Correia, 16 annos, solteiro, residente e fallecido á rua Malvino Reis n. 89; a allemã Sophia Schimidt, 29 annos, casada, residente na Copacabana e fallecida na Santa Casa; o italiano Infante Nicola, 23 annos, solteiro, residente á rua Alice e fallecido na Santa Casa; a norueguesa Ola Erickson, 18 annos, solteira, residente a bordo da barca *Nelson*, e fallecida na Santa Casa; os hespanhoes Augusta Fernandes, 23 annos, casada, residente á rua Jardim Botânico n. 53, e fallecida na Santa Casa; Carmen Minchon Pelaudri, 25 annos, casada, residente á rua Jardim Botânico n. 93, e fallecida na Santa Casa; Ramon Peres Branco, 34 annos, casado, residente á rua da Conceição n. 93; os portuguezes Manoel Esteves, 37 annos, casado, residente e fallecido á rua da Ajuda n. 27; Antonio Teixeira Junior, 17 annos, solteiro, residente e fallecido á rua do Hospicio n. 41; Manoel Joaquim de Almeida, 18 annos, solteiro, residente e fallecido á rua Pinto Figueiredo n. 16, Maria, filha de Manoel José da Rocha, 7 annos, residente e fallecida á rua Pinto de Figueiredo n. 16 e João Manoel, 50 annos, casado e fallecido no hospital da Saude. Total, 14.

Accesso pernicioso—o fluminense Octavio filho de Rosa Pimenta, 2 annos e 4 mezes; residente fallecido á rua da Lapa n. 50.

Bronchite capillar—Antonio filho de Luiz Pereira de Souza, 10 mezes, residente e fallecido na Fabrica de Tecidos Carioca, no Jardim Botânico.

Athropsia—o fluminense Carlos filho de Carlos Rodrigues de Figueiredo Firmo, 6 mezes, residente e fallecido á rua Dous de Dezembro n. 16.

Febre biliosa—a portugueza Benilda da Conceição, 30 annos, casada, residente e fallecida á rua Evaristo da Veiga n. 35; Raymundo Pereira dos Santos, 25 annos solteiro, residente no 5º regimento da artilharia e fallecido no hospital central do exercito. (Total 2)

Febre typhoide—o portuguez Manoel Ferreira de Oliveira Veiga, 21 annos, solteiro, residente e fallecido á rua, Conde d'Eu 81.

Febre pernicioso—o francez Léon Brisac, 24 annos, solteiro, residente na rua da Assembleia n. 98 e fallecido na Santa Casa; a brasileira, Euplarcia Maria da Conceição, 35 annos, e fallecido na Santa Casa Total (2.)

Febre remittente, paludosa—o fluminense Evaristo filho de Augusto Marquês de Carvalho, 2 annos e 9 mezes; residente e fallecido á rua do Dr. Joaquim Silva, n. 56.

Fraqueza congenial—Maria da Conceição exposta, 10 dias e fallecida na casa dos expostos.

Gangrena—o portuguez José Alves Pinto, 40 annos, casado, residente na rua do Liyramento n. 47 e fallecido no hospital de S. João de Dous.

Hepato enterite chronica—o portuguez Bento José Gomes, 42 annos, casado, residente e fallecido á rua de Santa Luzia n. 41.

PARTE COMMERCIAL

Rio, 13.

CAMBIO

O mercado conservou-se firme. Os bancos abriam com a taxa de 12 d. sobre Londres, que depois de 1 hora da tarde foi elevada para 12 1/8 d. pelo Banco Sul Americano.

Foi pequeno o movimento do dia a 12 e 12 1/16 d. papel bancario, a 12 1/8 d. dito contra caixa matriz e a 12 3/16 e 12 1/4 d. papel particular.

Para o dia 28 realizaram-se transações a 12 1/8 d. bancario contra banqueiros, e a 12 5/16 d. papel particular.

Repassou-se papel bancario a 12 3/16 d.

As taxas officiaes dos bancos foram as seguintes:

Table with exchange rates for London, Paris, Hamburg, Italy, Portugal, and New York.

COTAÇÕES DA BOLSA

Soberanos

Soberanos..... 20\$580

Anolices

Conv. de 1:000\$ 4 % ouro.... 1:03\$500

Apolices geraes de 1:000\$, 5 % 985\$000

Bancos

Banco do Brazil, 1ª serie..... 358\$000

Dito idem, 2ª dita..... 179\$000

Dito idem..... 180\$000

Dito da Republica..... 131\$000

Dito Pariz e Rio..... 102\$000

Dito idem..... 103\$030

Dito do Povo..... 2\$030

Companhias

Comp. Obras Publicas..... 91\$000

Dita Sapucahy com 75 % o bonificação..... 36\$030

Debentures

Debs. Geral Estradas de Ferro, £ 20..... 5'000

Ditos idem..... 5\$500

Ditos Tecidos Rink..... 180\$030

Letras hypothecarias

Banco Credito Real do Brazil, 6% 84\$000

Cambio a 2 e 12 1/8 d.

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1892. — Joaquim Navarro de Andrade, presidente. — A. Simonsen, secretario.

Entradas de capital

Estão marcados os seguintes prazos para prestações de capital:

Table listing capital entry dates for various companies like N. de Marcenaria e Construções, F. de Artefactos de Metal, etc.

Table listing agricultural and industrial companies and their capital entry dates.

Pagamento de dividendos

Pagam-se, a partir dos dias abaixo indicados, os dividendos seguintes:

Table listing dividend payments for various banks and companies, including Banco Commercial, Agricola do Brazil, etc.

Lesão organica do coração — a fluminense Jovita Carlota Machado, 47 annos, casada, residente e fallecida á rua Evaristo da Veiga n. 112; o inglez John Danson, 54 annos, solteiro, residente á bordo da barca Neusabene e fallecido na Santa Casa (Total 2).

Polysteatose visceral — a fluminense Doolinda Florent na do Espirito Santo, 22 annos, casada resident e e fallecida á rua da Prinha n. 111.

Pneumonia — o hespanhol Joaquim Hedo Ramon, 24 annos, solteiro, resident e fallecido á rua de S. Luiz Gonzaga n. 247 (Total 2).

Queimaduras — a fluminense Maria Valentina de Oliveira, 25 annos, solteira, residente e fallecida á rua de S. Christovão n. 32.

Syncope cardiaca — a fluminense Ignacia Leocadia da Conceição, 39 annos, casada, residente e fallecida á rua Valença n. 23.

Syphilis hereditaria — Alice, exposta, 2 mezes, residente e fallecida na casa dos expostos.

Syphilis terciaria — Antonieta, filha de Ferdinando Mesaini, 18 mezes, residente á bordo do vapor Paraná e verificado o obito no necrotorio.

Tetano dos recém-nascido — a fluminense Rosa, filha de Antonio Gomes Moreira, 7 annos, residente e fallecida á rua Barão do Sertor n. 29.

Tetano-traumatico — o polaco Jan Krauveryck, 27 annos, solteiro, residente á rua Jardim Botânico e fallecido na Santa Casa.

Typo-feroide — o portuguez Antonio Rodriguez de Campos, 24 annos, casado, residente na travessa de Santa Lucia n. 9 e fallecido na Santa Casa.

Tuberculose aguda — a fluminense Julia, filha de João José Oliveira Motta, 1 1/2 anno, residente e fallecida á rua do Senado n. 199.

Tuberculose pulmonar — os fluminenses Albano José Nogueira, 28 annos, solteiro, residente em Irajá e fallecido na Santa Casa; Maria de Souza, 47 annos, viuva, residente á rua da America n. 168 e fallecida na Santa Casa; o portuguez Antonio Nunes, 55 annos, solteiro, residente e fallecido á rua da Carioca n. 70; o pernambucano Saturnino Antonio de Lima, 29 annos, solteiro, residente no 1º de artilharia e fallecido no hospital central do exercito; a bahiana Felicidade Maria da Conceição, 25 annos, solteira, residente á rua Luiz de Camões n. 67 e fallecida na Santa Casa; o paulista Justino de Oliveira, 48 annos, solteiro, residente no becco dos Ferreiros n. 13 e fallecido na Santa Casa; o cearense Cassiano Francisco Madeira, 29 annos, solteiro, residente e fallecido á rua do Senado n. 16; a maranhense Rita Daniel dos Anjos, 25 annos, casada, residente e fallecida á rua do Riachuelo n. 84; a brasileira Francisca Alvim da Gama e Mello, 20 annos, solteira, residente e fallecida á rua dos Voluntarios da Patria n. 27.

Variola — a fluminense Editto filha de Manoel Francisco Vargas, 6 annos, residente e fallecido á travessa Alice.

Variola hemorragica — o fluminense Benedicto Soares de Oliveira, 35 annos, casado, residente e fallecido á rua R. Pedro 2º, 30. A maranhense Domingas Honorata da Costa, 25 annos, casada, residente e fallecida á rua Visconde de Itaúna 173. Total 2.

Variola confluenta — os ports José Pereira, 22 annos, solteiro, residente e fallecido á rua R. da Constituição 5. Os fluminenses Luiz, filho de Maria, 19 annos, residente e fallecido á rua na Estação da Piedade. Antonio Alves da Rocha, 25 annos, solteiro, residente e fallecido á rua R. Conde de Bomfim, n. 52. José Nunes de Araujo, 22 annos, solteiro, residente no Tingua. O sergipano Rufino Paulo Francisco de Menezes, 20 annos, solteiro, residente no 9º regimento de cavallaria, e fallecido no hospital de Santa Barbara.

Fetos — Um do sexo masculino, filho de José Felisberto de Souza Mascarenha, 5 mezes intra-uterino, nascido á rua de Paula Mattos n. 39 F; dous do mesmo sexo (de parto gêmeo), filhos de José Imacio de Bittencourt, nascido á rua de D. Felicianá n. 174. Total, 3.

No numero dos 82 sepultados estão incluídos 32 indigentes cujos enterros foram gratuitos.

Seguros Atalaya, o 9º de 20 %, a rua do Mercado n. 6, do dia 14 em deante.

Brazil ira Torrens, o 3º de 3\$, a rua do General Camara n. 9, do dia 18 em deante.

Commercio de Lencas e Materiaes, o 1º na razão de 4\$ para as accões de 40 % e 5\$ para as de 50 %, rua da Saude n. 145, do dia 14 em deante.

Commissões e Ensaques de Café, o 2º de 10 % a rua de S. Bento n. 40, do dia 20 em deante.

Central do Brazil, o 2º de 4\$, a rua do General Camara n. 21, desde o dia 11.

Centros Pastoris do Brazil, o 2º de 3\$ a rua Theophilo Ottoni n. 94, desde o dia 12.

Jardim Botânico, o trimesre ultimo de 3\$500, a rua da Alfandega n. 25, desde o dia 11.

Nacional de Seguros Mutuos, de 50 % do anno anterior, a rua do Sacramento esquina da travessa das Bellas Artes n. 1, desde o dia 12.

Seguros Confiança, o 37º de 2\$, a rua do General Camara n. 1, do dia 12 em deante.

Seguros Terrestres União Commercial dos Varegistas, o 9º de 4\$, do dia 12 em deante.

General de Seguros, o 11º de 4\$, a rua do General Camara n. 14, do dia 12 em deante.

Seguros Vigilancia, o 8º de 15 %, a rua de S. Pedro n. 5 desde o dia 11.

S. Christovão, o 44º do 2º semestre, a rua Visconde de Itauna n. 307 do dia 18 em deante.

Juros vencidos.

DEBENTURES

Pagam-se, dos dias abaixo em deante, os juros dos titulos das seguintes sociedades:

Melhoramentos de S. Paulo, o coupon do semestre findo, 7\$, a rua Primeiro de Março n. 80, desde o dia 9.

Casa de Saude Dr. Eiras, o coupon do semestre findo, desde o dia 1.

Companhia Cordoalha, o 3º coupon a 7\$000, a rua do Rosario n. 41, do dia 14 em deante.

E. F. de Maria, dos debentures, a rua do Hospicio n. 79, de 14 a 21.

E. F. União Valenciana, na sede e a rua de Bragança n. 29, desde o dia 1.

Casa de Saude do Dr. Eiras, o coupon vencido, a rua dos Ourives n. 68, desde o dia 1.

F. de Tecidos Rink, o coupon n. 26, a rua do Costa n. 33, desde o dia 2.

F. C de Villa-izabel, o coupon vencido, a razão de 6 1/2 % do dia 15 em deante.

Saneamento do Rio, o 3º coupon, a razão de 13\$714, a rua dos Invalidos n. 36, desde o dia 2.

Cantareira e Viação, o 3º coupon do emprestimo de £ 787.500, a rua do Hospicio n. 49, desde o dia 2.

Nacional de Olhos, o 5º coupon de 8\$, a rua do Rosario n. 41, do dia 14 em deante.

Obras Publicas no Brazil, o coupon do emp. de £ 562.500, rua do Hospicio n. 49, desde o dia 2.

Obras Publicas no Brazil, o 2º semestre, rua do Hospicio n. 49, desde o dia 5.

Intendencia Municipal de S. Paulo, o 2º semestre, no Banco da Republica dos Estados Unidos do Brazil, desde o dia 5.

Minas de Ouro-Falla, o 1º coupon, rua do Rosario n. 43, desde o dia 2.

Seguros Progresso, o 2º semestre, rua da Alfandega n. 116, desde o dia 2.

C. F. Santo Amaro, o coupon vencido, no Banco do Commercio, desde o dia 4.

E. F. Santa Isabel do Rio-Prelo, o 3º coupon de £ 50, a rua do Ouvidor n. 35, desde o dia 5.

V. Ferrea de Sapucahy, o 3º coupon de £ 20, no London Bank, desde o dia 5.

Seguros Esperança, o 2º semestre, rua dos Ourives n. 46, desde o dia 5.

T. de Malha Franco Brasileira, o 3º coupon a 7\$, no Banco U. do Credito, desde o dia 7.

Promotora de Industrias e Melhoramentos, o 2º semestre a razão de 7 %, rua da Quitanda n. 93, desde o dia 8.

Banco de Credito Movei, os titulos a sortear e os juros respectivos, desde o dia 10.

Progresso Industrial do Brazil, o 2º semestre a razão de 7\$, rua do Visconde de Inhaúma n. 28, de 16 a 31.

Progresso Industrial de Caranday, o 3º coupon de 12\$500, a rua 1º de Março n. 77, de 16 a 21.

Letras hypothecarias

Banco do C. R. do Brazil, o semestre findo, sendo as de ouro, 5.550, desde o dia 2.

Reuniões convocadas

Estão convocados para se reunir em assemblea geral os accionistas das seguintes sociedades:

Mercantil de Metaes, rua Theophilo Ottoni n. 39, 12 horas.....	14
Banco Commercial e Constructor, rua Primeiro de Março n. 35, 1 hora.....	14
Banco Luzo-Brazileiro, rua Primeiro de Março n. 45, 12 horas.....	14
Banco Evolucionista, rua do Carmo n. 57, 12 horas.....	14
Agricola Brasileira, rua Primeiro de Março n. 67, 11 horas.....	14
Banco Rio e Matto Grosso, no da Republica, 1 hora.....	14
Moinho Fluminense, rua do Ouvidor n. 32.....	15
Industrial Rio de Janeiro, rua do Hospicio n. 100, 1 hora.....	15
M. da Lag'na de Bo'afogo, rua do Hospicio n. 105, 12 horas.....	15
Sportiva Luzitana, largo da Sé n. 13, 7 horas.....	15
Engenhos Centrais de Café, rua Theophilo Ottoni n. 94, 12 horas.....	16
Exploradora Brasileira, rua do Hospicio n. 37, 1 hora.....	16
Banco Metropolitan, rua Primeiro de Março n. 80, 1 hora.....	16
Norte Mineira, rua da Quitanda n. 43, 12 horas.....	16
M. Productos de Arame, no Banco Federal, 1 hora.....	18
Brazileira de Calçado, rua da Uruguayana n. 81, 12 horas.....	18
Exposição Permanente, no Banco da Lavourea e do Commercio, 1 hora.....	18
Theatros Brasileira, rua da Uruguayana n. 61, 12 horas.....	20
N. de Chapos para Senhora, rua D. Anna Nery n. 12, 12 horas.....	20
Banco de Credito Garantido, no Banco Rural, 1 hora.....	21
Brazileira Torrens, rua do General Camara n. 9, 1 hora.....	21
Materiaes e Aterros, rua da Quitanda n. 44, 1 hora.....	23
E. F. Sorocabana, no Banco do Brazil e Norte-America, 1 hora.....	25

Mercadorias

Pela Estrada de Ferrô Central

As mercadorias entradas no dia 11 de janeiro foram:

		Desde 1 do mez
Aguardente.....		13 pipas.
Café.....	437.810	3.021.821 kilogs.
Carvão vegetal.....	—	189.299 »
Couros secos e salgados.....	3.275	3.275 »
Fumo.....	14.781	94.189 »
Madeiras.....	—	4.760 »
Milho.....	—	1.025 »
Polvilho.....	1.700	1.700 »
Queijos.....	14.760	55.365 »
Toucinho.....	—	44.717 »
Diversas.....	102.960	391.163 »

Diã 13

Aguardente.....	—	13 pipas.
Café.....	231.976	3.253.747 kilos.
Carvão vegetal.....	—	189.299 »
Couros secos e salgados.....	—	3.275 »
Fumo.....	—	94.189 »
Milho.....	1.220	2.245 »
Folvilho.....	—	1.700 »
Queijos.....	3.471	58.836 »
Toucinho.....	11.022	65.739 »
Diversas.....	21.565	412.798 »

Embarcações em descarga

NO DIA 14 DE JANEIRO

MOVIMENTO DOS ANCORADOUROS

Ancoradouro de descarga atrã da ilha das Cobras

Vapor allemão *Bahia*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, Carvalhaes, Freitas e despachos.

Vapor allemão *Pernambuco*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches ilha das Moças, Reis e despachos.

Vapor inglez *Humboldt*, Liverpool: varios generos, alfandega, Docas de D. Pedro II, ilha do Vianna e despachos.

Vapor allemão *Montevideo*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, ilha das Moças, da Ordem, Freitas Carvalhaes e despachos.

Vapor allemão *Curitiba*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, ilha das Moças e despachos.

Vapor allemão *Vulparaiso*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Reis, ilha das Moças, Carvalhaes e despachos.

Vapor allemão *Paraguayá*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Reis, ilha das Moças e despachos.

Vapor allemão *Patrimia*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.

Vapor francez *Ville de Montevideo*, Havre: varios generos, alfandega, Docas Nacionaes, Carvalhaes, ilha das Moças e despachos.

Vapor inglez *Flaxman*, Liverpool: varios generos, alfandega, trapiches ilha do Vianna, das Moças e despachos.

Vapor norte-americano *Segurança*, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Corção, Damião, Flora, Carvalhaes e despachos.

Vapor allemão *Tijuca*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, ilha das Moças e despachos.

Barca allemã *Aurora*, Londres: varios generos, alfandega, trapiche Carvalhaes e despachos.

Vapor allemão *Santos*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.

Vapor belga *Wordsworth*, Londres: varios generos, alfandega, trapiches da Ordem, Reis e despachos.

Vapor inglez *Lissell*, Londres: varios generos, alfandega, trapiches da Ordem, Damião e despachos.

Vapor inglez *Cupnet*, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Flora, Damião, Corção e despachos.

Vapor allemão *Hamburg*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes, Reis, Freitas, ilha das Moças e despachos.

Vapor allemão *Lissabon*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.

Vapor francez *Cheribon*, Marsella: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes, Docas de D. Pedro II e despachos.

Vapor inglez *Herschel*, Liverpool: ferro, (ilha do Vianna).

Barca norte-americana *Julia Rollins*, Baltimore: varios generos, trapiches Corção, Damião, Internacional, Flora e despachos.

Lugar sueco *Snea*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Freitas, Carvalhaes, Docas de D. Pedro II e despachos.

Vapor austriaco *Mulchowits*, Fiume: varios generos, alfandega, trapiche Novo Commercio e despachos.

Vapor francez *Amazonas*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.

Vapor inglez *Saint Asaph*, Antuerpia: varios generos, trapiche Freitas e despachos.

Vapor francez *La Plata*, Bordéas: varios generos, alfandega, trapiches da Ordem, Freitas e despachos.

Vapor inglez *La Place*, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Flora, Corção e despachos.
 Vapor norte-americano *Alliance*, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Carvalhaes, Corção e despachos.
 Vapor inglez *Tamar*, Southampton: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.
 Vapor allemão *Petropolis*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiches Reis, da Ordem e despachos.
 Barca norueguense *Julie*, Nova York: varios generos, trapiches Corção; Internacional e despachos.
 Vapor inglez *Santrington*, Antuerpia: varios generos; alfandega, trapiche Damião e despachos.
 Vapor allemão *Munchen*, Bremen: varios generos, alfandega, trapiche Freitas e despachos.
 Vapor francez *Aquitaine*, Buenos Aires: varios generos, trapiche da Ordem.
 Vapor allemão *Itaparica*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche Reis e despachos.
 Vapor inglez *Thames*, Rio da Prata: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.
 Vapor belga *Hevelius*, Londres: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.
 Vapor allemão *Graf Bismark*, Bremen: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.
 Vapor inglez *Liguria*, Liverpool: varios generos, alfandega, trapiches e despachos.
 Vapor belga *Kepler*, Londres: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.
 Vapor francez *Concordia*, Havre: varios generos, alfandega, Docas Nacionaes e despachos.
 Vapor norte-americano *Vigilancia*, Nova York: varios generos, alfandega, trapiches Damião, Corção, Reis, Carvalhaes e despachos.
 Vapor inglez *Coleridge*, Liverpool: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.
 Vapor francez *Ordéal*, Bordéas: varios generos, alfandega, trapiche Freitas e despachos.
 Vapor francez *Equateur*, Bordéas: varios generos, alfandega, trapiche da Ordem e despachos.
 Vapor allemão *Porto Alegre*, Hamburgo: varios generos, alfandega, trapiche e despachos.
 Barca sueca *Margareta*, Liverpool; varios generos (Docas Nacionaes).
 Patacho norueguense *Zwits*, Rosario de Santa Fé: alfafa, trapiche Freitas e Docas Nacionaes.
 Vapor francez *Corloba*, Havre: varios generos, Docas Nacionaes.
 Barca norte-americana *Baltimore*, Baltimore: varios generos, trapiches Flora, Damião, Corção e despachos.
 Vapor inglez *Muglalen*, Southampton: varios generos trapiche do Vapor e Ilha do Vianna.
 Vapor francez *Béarn*, Rio da Prata; varios generos, Alfandega, trapiche da Ordem e despachos.
 Vapor francez *Ville de Rosario*, Havre: varios generos, Alfandega, Docas Nacionaes e despachos.
 Vapor inglez *Tajus*, Buenos Ayres; varios generos trapiche da Ordem.

ATRAÇADAS A TRAPICHE

Galera ingleza *Portia*, Rangoon; arroz (trapiche Reis).
 Barca ingleza *Sardhana*, Rangoon; arroz (trapiche Reis).
 Barca norueguense *Vega*, Liverpool; varios generos, (Docas D. Pedro II).
 Barca portugueza *Sophia*, Porto; varios generos (trapiche do Vapor).
 Barca ingleza *Hindstan*, Rosario de Santa Fé, alfafa (trapiche do Vapor).
 Barca ingleza *Hibernica*, Gaspe; bacalhão (Docas Nacionaes).
 Patacho inglez *Go'den Fleece*, Gaspe; bacalhão (Docas Nacionaes).

Palhabote Argentino *Industria Argentina*, Buenos-Aires; milho, (trapiche Novo Comercio).

NO ANCORADOURO DA GAMBÓIA

Barca ingleza *Glenesk*, Cardiff; carvão.
 Galera ingleza *Imberhorne*, Cardiff; carvão.
 Galera ingleza *Palwood*, Cardiff; carvão.
 Barca norueguense *Shibladner*, Memel, pinho (despachos).
 Galera ingleza *Annie M. Law*, Pensacola, pinho (despachos).
 Galera ingleza *Amibal*, Cardiff; carvão.

DA ILHA DOS FERREIROS

Galera ingleza *Sybilin*, Liverpool; carvão.
 Barca norueguense *Nina*, Londres; carvão.
 Barca norueguense *Martin Luther*, Cardiff; carvão.

DA ILHA DO VIANNA

Barca ingleza *Herzidade*, Cardiff; carvão.
 Barca norueguense *Prince Louis*, Cardiff; carvão.

NA ILHA DO MOCANGUÊ

Galera ingleza *Carned Llewellyn*, Cardiff; carvão.
 Barca norueguense *Crown Prince*, Cardiff; carvão.

PEDIRAM VISITA

Barca inglesa *Currizal*, Liverpool.
 Barca inglesa *Parthenia*, Cardiff; carvão.
 Barca norueguense *Cortes*, Slite.
 Iliate nacional *Ceramico*, Buenos Aires.

ARQUEAÇÃO

Lugar norte-americano *Lizzi Custer*, Norfolk; carvão.

Noticias Maritimas

Vapores esperados

Santos, *Graf Bismarck*..... 15
 Liverpool e escalas, *Biela*..... 15
 Liverpool e escalas, *Britannia*..... 17
 Hamburgo e escalas, *Bahia*..... 17
 Nova-Zelandia, *Aorangi*..... 17

Vapores a sair

Valparaiso e escalas, *Galicia*..... 18
 Rio da Prata, *Orione*..... 19
 Nova York, *Hulley*..... 14
 Portos do sul até Montevidéo, *Pelotas* (meio-dia)..... 14
 Trieste e Fiume, *Maltekovitz*..... 14
 Santos por S. Sebastião, *Arminia* (10 hs.)..... 15
 Portos do sul, *Itaquí* (4 horas)..... 15
 Victoria, *Penodo* (8 horas)..... 15
 Nova York e escalas, *Vigilancia*..... 15
 Imbetiba, *Itapua* (4 horas)..... 15
 Portos do Sul, *Orizaba*, (10 horas)..... 15
 Portos do Norte, *Jabatão* (10 horas)..... 15
 Bahia e Pernambuco, *Arbitrio* (4 horas)..... 15
 Hamburgo, Bahia e Lisboa, *Montevideo* (2 ho. as)..... 16

EDITAES E AVISOS

Inspectoria Geral de Hygiene

Em virtude do que dispõe o art. 68 do regulamento que baixou com o decreto n. 169 de 18 de janeiro de 1890, a Inspectoria Geral de Hygiene faz publico, pelo prazo de oito dias, que o cidadão Francisco Leite Guimarães lhe dirigiu a seguinte petição, com documentos que satisfazem as exigencias do art. 67 do citado regulamento:

«Illm. Sr. Dr. inspector geral de hygiene—Francisco Leite Guimarães, cidadão brasileiro, residente na estação da Conceição, 3.º districto da freguezia de S. José de Além Paralyba, desejando abrir e reger uma pharmacia na referida estação da Conceição, logar já bastante populoso, vem, de accordo com o disposto no art. 67 do regulamento mandando observar pelo decto n. 169 de 18 de janeiro de 1890, e com os documentos juntos, requer a V. S. a competente licença. Estação da Conceição, 26 de outubro de 1891.—Francisco Leite Guimarães.» Achiava-se collada uma estampilha de \$200 competentemente inutilizada,

E, declara que, si 30 dias depois do ultimo annuncio, nenhum pharmaceutico formado lhe communicar ou a Inspectoria de Hygiene do estado de Minas Geraes, a resolução de estabelecer pharmacia na citada localidade, concederá ao pratico a licença requerida.

Inspectoria Geral de Hygiene, 3 de dezembro de 1891.—O secretario, Dr. Frederico de Albuquerque Fróes.

Escola Naval

De ordem do Sr. contra almirante director, previno aos interessados que o prazo para o recebimento de requerimentos pedindo matricula no curso previo termina, por disposição regulamentar, no dia 20 do corrente.

Escola Naval, 13 de janeiro de 1892.—Pelo secretario, Costa Rodrigues.

Alfandega do Rio de Janeiro

Ed. d.

Pela inspectoria desta alfandega se faz publico, para conhecimento dos interessados, que foram descarregados para esta repartição os volumes abaixo mencionados com signaes de avarias e de faltas; devendo seus donos ou consignatarios apresentar-se para providenciar a respeito.

Vapor inglez *La Plata*.

Armazem n. 3—Marca AG de M: 1 caixa, avariada.

Marca —AAC—: 1 dita, repregada.

Marca AM: 2 ditas, idem.

Marca AVC: 1 dita, idem.

Marca BFC: 1 dita, idem.

Marca C&C: 1 dita, idem.

Marca C&G: 1 fardo, avariado.

Marca CBC: 1 caixa, idem.

Marca »-B-»-CPB: 1 dita idem.

A mesma marca: 1 dita, idem.

Marca CS&C: 1 dita, idem.

Marca DAT: 1 dita, idem.

A mesma marca: 1 dita, idem.

A mesma marca: 1 dita, idem.

Marca LMC: 1 dita, idem.

Marca EF: 1 dita idem.

Marca FC: 1 dita, idem.

Marca —FBC—: 1 dita, idem.

Marca FTI: 1 dita, idem.

Marca JF: 1 dita, id m.

Marca JE: 2 ditas, idem.

Marca JRS: 1 dita, idem.

Marca JF: 1 engradado, idem.

Letreiro Companhia Torre Eiffel: 1 caixa, idem.

Marca JCC: 1 dita, idem.

Letreiro Companhia Torre Eiffel: 1 dita, idem.

Letreiro Memon: 1 dita, idem.

Marca LBF&G: 1 dita, idem.

Letreiro Companhia Torre Eiffel: 2 ditas, idem.

Marca LF: 1 dita, idem.

Letreiro Baratemo: 1 dita, idem.

Letreiro Silva Porto: 1 dita, idem.

Marca M—D—C: 1 quartola, idem.

Marca Mq: 2 caixas, idem.

Marca NAA: 1 dita, idem.

Marca »-P-»: 1 dita, idem.

A mesma marca: 1 dita, idem.

Marca QTC: 1 dita, idem.

Sem marca: 3 engradados, idem.

Marca —F—S: 1 caixa, idem.

Vapor francez *Compani*:

Dispacho sobre agua—Marca A A: 7 barricas, avariadas.

Armazem 16—Marca A L C: 9 ditas, idem.

Armazem 12—Marca A R R: 9 caixas, idem.

Marca C I B: 9 ditas, idem, idem.

Marca E M: 9 ditas, id m. idem.

Dispacho sobre agua—Marca F M I: 2 fardos, idem.

Armazem 6—Marca A S D: 1 caixa, idem.

Armazem 12—Marca I B C: 1 dita, idem.

Marca L M C: 1 dita, idem, idem.

Armazem 16—Marca —M R :—2 barricas com falta.
 Armazem 12—Marca B J N & C: 1 caixa, repregada.
 Marca M M: 3 ditas, idem, idem.
 Marca M V N M: 1 dita, idem, idem.
 Letreiro Minister'o da Instrucção Publica e Telegrapho —1 dita, idem, idem.
 Marca P B I: 1 dita, idem, idem.
 Armazem 16—Marca P M: 1 barrica, avariada.
 Armazem 12—Marca P G C: 1 caixa, idem, Marca Q—B: 1 dita, idem, idem.
 Marca R N: 1 dita, idem, idem.
 Despacho sobre agua—Marca S A G N: 5 bobinas, idem.
 Armazem 12—Marca T D: 1 caixa, idem.
 Marca T P A A C: 1 dita, idem.
 Vapor inglez *Tamar*.
 Armazem n. 10—Marca ASP—BAC: 1 caixa repregada.
 Marca OP&C: 2 ditas, idem.
 A mesma marca: 1 dita, idem.
 Marca PPC: 1 dita, idem.
 Marca HCP: 1 dita, idem.
 Marca ACC: 2 ditas, idem.
 Marca BSC—L: 1 dita, idem.
 Marca CFC—RO: 2 ditas, idem.
 Marca OVLC: 2 ditas, idem.
 Marca OPC: 1 dita, idem.
 Marca SMC—C: 1 dita, idem.
 Marca SY: 1 dita, idem.
 Marca SM—R: 1 dita, idem.
 Marca ZZ—Z: 2 ditas, idem.
 Marca CF—RJ: 1 dita, idem.
 Marca GO&C—RJ: 2 ditas, idem.
 Marca SBC: 1 dita, idem.
 Marca OVL: 1 fardo avariado.
 Vapor francez *Orenque*.
 Armazem da estiva—Marca JBD: 5 caixas repregadas.
 Vapor inglez *Hershel*.
 Armazem n. 3 — Marca LMC—SP: 7 caixas, avariadas e repregadas. Manifesto em traducção.
 A mesma marca: 1 barrica, idem, idem.
 Vapor inglez *Hogarth*.
 Armazem n. 3 — Marca IAC—C: 2 caixas, repregadas e avariadas. Manifesto em traducção.
 Vapor allemão *Strasburg*.
 Armazem n. 16 — Marca S—OH: 1 caixa, repregada. Idem.
 Vapor inglez *La Place*.
 Armazem n. 1 — Marca B&C: 1 caixa, repregada. Idem.
 Marca WCC: 1 dita, idem.
 Vapor inglez *Potozi*.
 Armazem n. 16 — Marca JMC: 1 barrica, repregada, idem.
 Marca S: 1 caixa, avariada e repregada, idem.
 Vapor americano *Alliance*.
 Armazem n. 8 — Letreiro A. J. Lamoureux: 1 caixa, repregada. Manifesto em traducção.
 Letreiro Alexandre Leslei: 9 engradados, quebrados, idem.
 Marca MA: 2 caixas, avariadas, idem.
 Despacho sobre agua — Marca AMP: 10 ditas, idem.
 Armazem n. 8 — Marca WR: 10 ditas, idem.
 Vapor francez *Adour*.
 Armazem n. 6 — Marca C&J: 1 barril, vassado e com falta, Manifesto em traducção.
 Marca CS: 1 dito, idem.
 Marca BPC: 1 dito, idem.
 Marca SC: 1 dita, idem.
 Vapor allemão *Itanarica*.
 Armazem de amostras—Letreiro: Conde de Estrella: 1 caixa repregada.
 Vapor inglez *John Elder*.
 Armazem n. 16—Marca CIFF: 1 barrica avariada.

Marca NC: 2 saccos, idem.
 Armazem n. 10 — Marca AGP: 1 caixa, idem.
 Marca JMC: 1 dita, idem.
 Marca MP—M: 1 dita, idem.
 Marca OPC: 2 ditas, idem.
 Marca V: 2 ditas, idem.
 Armazem n. 16—Marca EC: 10 barricas, idem.
 Armazem da estiva—Marca H—C: 4 caixas, idem.
 Vapor belga *Hevelius*.
 Armazem n. 1—Marca BC: 10 caixas avariadas.
 Marca CSC: 10 ditas, idem.
 Marca CN: 4 fardos, idem.
 Marca FC: 1 dito, idem.
 A mesma marca: 2 caixas, idem.
 Letreiro Gaz Rio: 3 barricas, idem.
 Marca GDC: 2 ditas, idem.
 Marca K: 5 caixas, idem.
 Marca LFMC: 1 dita, idem.
 Marca M: 5 ditas, idem.
 Marca TRC: 5 fardos, idem.
 Vapor allemão *Petrovols*.
 Armazem n. 11—Marca B: 1 caixa repregada e avariada. Manifesto em traducção.
 Marca CN: 1 dita idem. Idem.
 Marca DCC: 1 dita idem. Idem.
 Marca FFPB: 1 dita idem. Idem.
 Marca HS—C: 1 dita idem. Idem.
 Armazem n. 11—Marca HR: 1 dita idem. Idem.
 Marca LSC—BG: 1 dita idem. Idem.
 Marca JVC—AJ: 1 dita idem. Idem.
 Marca MN—B: 1 dita idem. Idem.
 Marca MVC: 1 dita idem. Idem.
 Marca 980: 1 dita idem. Idem.
 Armazem da Estiva—Marca 1 dita idem. Idem.
 Marca SJC: 2 ditas idem. Idem.
 Vapor allemão *Amazonas*.
 Armazem n. 15—Letreiro Campista: 1 caixa quebrada. Manifesto em traducção.
 Marca MB—R: 1 dita repregada, idem. Idem.
 Letreiro M—Backeuser & Meyer: 1 dita quebrada. Idem.
 Marca REC: 1 dita avariada. Idem.
 Vapor francez *Corduban*.
 Armazem n. 6—Marca HK&C: 1 caixa repregada. Manifesto em traducção.

Alfandega do Rio de Janeiro, 12 de janeiro 1892.—O inspector, *Alexandre A R. Sattamine*.

Contadoria da Marinha

ASSIGNATURA DE CONTRACTOS
 Grupos 7, 8, 15, 27 e 38

Convida-se os negociantes Azevedo Alves & Carvalho, Vicente da Cunha Guimarães, Pnto & Madureira, José Antonio Gonçalves & Comp., Frederico Vierling & Comp. e a Empresa de Obras Publicas no Brazil a comparecer nesta repartição, no prazo de tres dias, contados da data da publicação deste edital, afim de assignarem os contractos dos artigos dos grupos acima, que lhes couberam nas preferencias do Conselho Economico do commissario geral da armada, para o fornecimento ao mesmo commissariado e ao Arsenal de Marinha desta capital, durante o exercicio de 1892.

Contadoria da Marinha, 12 de janeiro de 1892.—O contador, *F. J. Ferreira*.

Commissariado Geral da Armada

Costuras

De ordem do Sr. capitão de mar e guerra chefe do commissariado geral da armada, convidado ás senhoras matriculadas como costureiras desta repartição a reformarem as suas respectivas cartas de fiança até ao dia 15 do mez proximo vindouro.

Secretaria do commissariado geral da armada, 31 de dezembro de 1891.—*Luis de Santa Catharina Baptista*, secretario interino.

Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro

De ordem do Sr. contra almirante, inspector deste arsenal, faço publico que ficam designados os dias 15, 19, 22, 26 e 29 do corrente, ás 10 horas da manhã, para effectuarem-se, na directoria de machinas deste estabelecimento, os exames de machinistas de navios mercantes.

Secretaria da Inspeção do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1892. O Secretario, *Eugenio Candido da Silveira Rodrigues*.

Escola Superior de Guerra

Concurrencia

De ordem do Sr. general de brigada director desta escola, fica aberta na secretaria da mesma, do dia 12 a 19 do corrente mez, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, concurrencia, para ser contractada com quem melhores vantagens offercer, a mudança de todo o material pertencente ao estabelecimento para o palacete da Quinta da Boa-vista, devendo as propostas ser feitas em carta fechada.

São condições principaes:
 1ª, obrigação de responsabilisar-se o contractante por qualquer estrago ou extravio que se der no transporte, e bem assim pelo conveniente acondicionamento dos objectos que lhe forem confiados;

2ª, fiança de 200\$000 para garantia da 1ª condição;

3ª, deposito de 50\$000 no acto da apresentação da proposta, que perderá em favor da Fazenda Nacional o contractante que, sendo preferido, não se apresentar para assignar o contracto.

Para mais esclarecimentos, na secretaria da escola todos os dias uteis.

Secretaria da Escola Superior de Guerra, 11 de janeiro de 1892.—*Felippe Fernandes Alves*, major secretario.

Escola Practica do Exercito em Rio Pardo

Concurso

Em virtude de ordem do cidadão general ministro da guerra, manda o cidadão tenente coronel commandante desta escola declarar que, de 15 do corrente a 15 de março do anno proximo futuro achar-se-ha aberta, nesta secretaria, a inscripção dos candidatos para o concurso que deve realisar-se, de conformidade com o regulamento vigente, para o preenchimento de tres vagas de instructores adjuntos desta escola.

Escola Practica do Exercito em Rio Pardo, 3 de dezembro de 1891.—*Vicente Ferreira Alvares*, alferes secretario interino.

Intendencia da Guerra

Terramentas diversas e carvão de pedra

A commissão de compras desta intendencia recebe propostas no dia 15 do corrente mez até ás 11 horas da manhã, para o fornecimento daquelles artigos durante o primeiro semestre de 1892.

As pessoas que pretenderem contractar esse fornecimento queiram procurar os respectivos impressos na secretaria desta intendencia, onde deverão apresentar suas habilitações na forma do regulamento em vigor.

Previne-se que as propostas devem ser em duplicata, escriptas com tinta preta, sem rasuras e assignadas pelos proprios proponentes, que deverão comparecer ou fazer-se representar competentemente na occasião da sessão e ter em vista as disposições do art. 64 do citado regulamento, devendo fazer nas propostas a declaração de sujeitarem-se a multa de 5% no caso de recusa á assignatura do respectivo contracto.

Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1892.—O secretario, *A. B. da Costa Aguiar*.

Intendencia da Guerra

Artigos de sargueiro para as praças de pret do exercito e da marinha

O conselho de compras desta repartição recebeu propostas no dia 19 do corrente mez até ás 11 horas da manhã para o fornecimento dos artigos acima, durante o 1º semestre do corrente anno.

As pessoas que pretenderem contratar esse fornecimento, queiram procurar os respectivos impressos na secretaria dessa intendencia, onde deverão apresentar suas habilitações na fórma do regulamento,

Previne-se que as propostas devem ser em duplicata, escriptas com tinta preta, sem rasuras, assignadas pelos proprios proponentes, que deverão comparecer ou fazer-se representar na occasião da sessão e ter em vista as disposições do art. 64 do citado regulamento, devendo fazer a declaração de sujeitarem-se á multa de 5% no caso de recusarem-se á assignatura do contracto respectivo.

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1892.—O secretario, *A. B. da Costa Aguiar.*

Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal

Exames geraes de preparatorios

Quinta-feira, 14 do corrente, ás 10 horas da manhã, serão chamados no Externato do Gymnasio Nacional, a rua larga de S. Joaquin, os examinandos seguintes:

Portuguez (1ª mesa) — Presidencia do Dr. Piragibe.

(2ª e ultima chamada)

Januario da Assumpção Osorio.
José de Siqueira Villa Forte.
Joaquim Carlos Barroso.
Oscar Gonçalves de Albuquerque.
José Bessa de Carvalho.
Joaquim Guilherme Teixeira Portella.

Francez (1ª mesa)—Presidencia do Dr. Castello Branco

(2ª e ultima chamada)

José Damasceno Pinto de Mendonça.
Manoel Murinho de Souza Nobre.
Manoel José Murinho Filho.
José Antonio Murinho Sobrinho.
Carlos José Ribeiro Braga.
João Franklin de Alencar Lima.

Turma suplementar

Thomé Borges Costa Reis.
Antonio da Costa Santos.
Accacio Antunes Pereira.
Augusto Mario Caldeira Brant.
Candido Leite de Castro.
João da Matta Machado Junior.

Francez (2ª mesa)—Presidencia do Sr. Alonso Adjuto

2ª e ultima chamada.

Nestor João da Fonseca Leite.
Annibal Lima de Faria.
Domingos Mariano Barcellos de Almeida.
Julio Viveiros Brandão.
Enéas Cruz Galvão.
Amelia Casali.

Turma suplementar

João de Castro Lima e Silva.
Adolpho Tavares Paes.
Israel Gomes de Oliveira.
Jorge Dantas de Brito.
Americo Marcondes de Castro.
Amadeu Ritter.

Inglez — Presidencia do Dr. Caminhoá

Octavio Boa-Nova.
Frederico Carlos dos Santos.
Luiz Augusto de Almeida Ramos.
Mario Paes Leme da Costa.
Sebastião Marques das Neves.
Joaquim Gonçalves Barbosa Junior.

Turma suplementar

Catão Franklin Marques da Costa.
Ovidio Mello de Siqueira.
Eduardo-João Barbalho Uchôa Cavalcanti.

Latim — Presidencia do Dr. Noronha

(2ª e ultima chamada)

Luiz da Costa Barros Mascarenhas.
José Pedro Moll.
Alvaro de Cantanhêda.
Augusto Joaquim do Nascimento.
Joaquim Maria Corrêa.
Alvaro Silveira Martins.

Turma Suplementar

Eduardo de Araujo Gonçalves.
Benoni Carlos da Veiga.
Arnaldo Ferreira de Paiva.
Sebastião Marques das Neves.
Frederico Augusto da Fontoura Lima Junior.
Mario Paulo de Almeida.

Geographia (1ª mesa)—Presidencia do Dr. Mattoso Maia

(2ª e ultima chamada)

Cesar Candido do Couto Cartaxo.
Benjamin Franklin Alves Machado.
Tito Valverde de Miranda.
Luiz Augusto Pinto.

Turma suplementar

Nestor João da Fonseca Leite.
Affonso d'Escagnoll Tanay.
Domingos Soares de Paiva Junior.
Carlos Moreira Ipanema.

Geographia (2ª mesa)—Presidencia do Dr. Romero

(2ª e ultima chamada)

Frederico de Almeida Rego Filho.
Oscar Antonio Brandi.
José Baptista Coelho.
José Maria da Silva Velho Junior.

Turma suplementar

Horacio Barbosa Carneiro.
Octavio Barbosa Carneiro.
Luiz Antonio Alves de Carvalho.
Joaquim Rabello Teixeira.

Historia--geral--Presidencia do Dr. Paula Lopes

(2ª e ultima chamada)

Alcides Xavier de Gouvêa.
Arthur Martins de Barros.
Mario Paulo de Almeida.

Turma suplementar

Luiz Maximino de Miranda Correa.
João Barbosa Rodrigues Junior.
José Baptista Coelho.
Trajano de Castilho Barbosa.

Arithmetica e Algebra (1ª mesa) — Presidencia do Dr. Gabaglia.

A 2ª e ultima chamada

Eugenio Augusto Ribeiro.
Luiz Augusto de Almeida Ramos.
Olympio Rodrigues Pereira.
Affonso Herculano de Lima Junior.

Turma suplementar

Henriqueta Carpenter.
José de Souza Motta Junior.

N.B. Previne-se aos Srs. examinandos que no dia 15 do corrente principia a 2ª e ultima chamada de Inglez e recomeça a de Geometria e Trigonometria.

Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal, 14 de janeiro de 1892.—O secretario, *Manuel Maria Nogueira Serra.*

Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal.

Relação suplementar dos candidatos inscriptos para os exames geraes de preparatorios de 17 a 19 de dezembro ultimo

Arithmetica

- 1 Dario Sebastião de Oliveira Ribeiro.
- 2 Ruben Pinheiro Guimarães.
- 3 Ithamar de Araujo Leite.
- 4 Mario de Belfort Ramos.
- 5 Carlos Rangel.
- 6 Augusto de Andrade Costa.

- 7 Ovidio Mello de Siqueira.
- 8 Henrique Ribeiro Bernardes.
- 9 Arthur Henriques Duarte.
- 10 Joaquim Pardo de Araújo Vieira.
- 11 Alfredo Conrado de Niemeyer.
- 12 Henrique Corrêa de Mello.
- 13 Emilio Bello de Mello Cunha.
- 14 Octavio Boa-Nova.
- 15 Arnaldo Ferreira de Paiva.
- 16 Alfredo Clemente Pinto.
- 17 Adriano Vaz de Carvalho.
- 18 Paulo Ernesto de Azevedo.
- 19 Manoel Martins Costa.
- 20 Armando de Castro Guimarães.
- 21 Hermenegildo Antonio Pinto.
- 22 Altivo de Mello Halfeld.
- 23 José Leão.
- 24 Alberto Cardoso.
- 25 João de Castro Lima e Silva.
- 26 Placido Martins de Mello.
- 27 Antonio José de Castilho Costa Ferreira.
- 28 Cicero de Fontes Freire.
- 29 João Guilherme Hesse.
- 30 Elysio Augusto Cardoso.
- 31 Magnus Maia.
- 32 Alfredo Scheid.
- 33 Martinho Alvaros dos Santos Silva.
- 34 Altivo de Mello Halfeld.
- 35 Candido Leite de Castro.
- 36 Francisco Roberto Barreto Filho.
- 37 Humberto Pimentel de Duarte.
- 38 Mario Baptista da Costa.
- 39 Gustavo Fernandes de Oliveira Guimarães.
- 40 Francisca Virginia Ferreira Penna.

Geometria

- 1 Mario de Belfort Ramos.
- 2 Virgilio Marciano Pereira Sobrinho.
- 3 Altivo de Mello Halfeld.
- 4 Francisco Marques da Silva.
- 5 Eurico Leopoldo de Bulhões Dutra.

Physica e chimica

- 1 Mario Teixeira da Costa.
- 2 Virgilio Marciano Pereira Sobrinho.

Inspectoria Geral de Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal, 13 de janeiro de 1892.—O secretario, *Manuel Maria Nogueira Serra.*

EDITAL

O Dr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, juiz de direito, 7º pretor, nesta capital, etc.

Faz saber aos que o presente edital com o prazo de vinte dias virem, que, no dia 23 de janeiro de 1892, ao meio-dia, o porteiro dos auditorios trará a publico pregão de venda e arrematação ás portas da casa das audiencias desta pretoria, á Praia de Botafogo n. 168, a quem mais der o maior lance offerecer sobre a quantia de 4:000\$, o prédio e terreno á rua do General Polydoro n. 13, antigo C. I. assobradado, com duas janellas e porta de entrada, portões de madeira, com escada de pedra, incluindo o terreno 6m.60 de frente a fundo, por um lado 41m.25, por outro 41m.75. Arrenda nos fundos 6m.62:0 qual prédio foi penhorado a D. Emilia Julia Pacheco, viuva de Manoel Vieira da Rocha, por execução que lhe movem Antonio Dias da Silva e outros, herdeiros do finado José Dias da Silva. O presente, passado em triplicata, será affixado no logar do costume, e publicado na imprensa. Dado e passado nesta capital, aos 9 de dezembro de 1891.—Eu, Antonio Cypriano Nunes Barbosa, escrivão interino, o escrevi.—*Caetano Pinto de Miranda Montenegro.*

Banco Cuncionador e Mercantil

38 Rua da Alfandega 38

A directoria eleita pela ultima assemblea geral faz publico que o banco nada deve por contas, depositos ou outras transacções, até hoje.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1891.—Presidente, *José Manoel Teixeira.*—Thesoureiro, *B. T. de Magalhães Bastos.*

SOCIEDADES ANONYMAS

Banco da Republica dos Estados Unidos do Brazil

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1891

Activo

Accionistas.	800:503\$400	
Caixa:		
em moeda corrente.	16.581:862\$060	
em notas recolhidas da 1ª emissão do Banco Nacional.	3:100\$000	16.584:962\$060
Secção da emissão:		
notas recebidas da Caixa da Amortização.	229:402:260\$000	
Notas a substituir:		
notas em circulação da emissão do Banco do Brazil.	47.650:000\$000	
Resgate de notas do Banco do Brazil:		
notas substituídas da emissão do Banco do Brazil.	2.350:000\$000	
Thesouro Nacional — c/ emissão s/ ouro:		
ouro depositado para garantia das emissões.	74:514:090\$000	
Thesouro Nacional — c/ emissão s/ apolices:		
apolices depositadas para garantia das emissões.	53.500:000\$000	
Thesouro Nacional — c/ do resgate:		
1/3 do papel-moeda do governo, resgatado.	1.156:672\$100	
Fundos publicos.	28.425:636\$755	
Ações e debentures de bancos e companhias.	27.737:530\$490	
Encargos da emissão.	15.513:224\$720	
Titulos descontados.	16.227:757\$022	
Depositos especiaes.	17.356:208\$330	
Valores depositados:		
para garantias.	192.444:732\$831	
para guardar.	8.240:058\$040	200.684:790\$876
Contas correntes garantidas.	189.272:887\$482	
Cauções garantidas, a prazo fixo.	7.835:800\$035	
Contas correntes:		
de bancos e companhias.	28.980:631\$090	
de firmas commerciaes individuaes.	9.708:245\$007	38.697:926\$097
Agencias e caixas filiaes.	16.341:865\$018	
Letras a receber.	2.420:043\$630	
Letras hypothecarias.	115:890\$300	
Depositos da directoria e thesouraria.	780:000\$000	
Integralisação do capital.	50.000:000\$000	
Resgate de notas do governo.	3.470:016\$500	
Diversos: saldos de varias cc/ devedores.	13.569:279\$615	
		1.054.467:344\$556

Passivo

Capital.	200.000:000\$000	
Reservas:		
Lucros suspensos.	3.648.120\$694	
Fundo de reserva.	2.238.224\$696	
Reconstituição do capital.	597:107\$444	
Integralisação do capital.	3.685:535\$074	
Garantia de letras hypothecarias.	1.046:524\$876	
Destinado ao resgate de notas do governo.	3.648:120\$694	14.863:633\$478
Emissão.	277.262:260\$000	
Notas entregues pela Caixa da Amortização.	329.402:250\$000	
Deposito:		
por conta corrente com juros.	12.885:959\$004	
idem idem sem juros.	416:656\$510	
idem idem com prazo fixo.	2.484:251\$380	
idem letras a premio.	12.136:451\$020	27.923:317\$914
Emissão de cheques em ouro.	6.753:910\$554	
Letras a pagar.	80.351\$020	
Letras a pagar por c/ de terceiros.	2.864:993\$830	
Garantias especiaes.	17.356:208\$330	
Diversas garantias.	192.444:732\$831	
Depositos voluntarios.	8.240:058\$040	
Contracto de apolices a liquidar.	6.614:000\$000	
Contracto de cambiaes.	9.779:000\$000	
Caução.	8.687:090\$370	
Garantias da administração e thesouraria.	780:000\$000	
Agencias e caixas filiaes.	7.970:930\$907	
Dividendos:		
saldo não reclamados.	235:445\$750	
2º dividendo de 10% o/ capital nominal.	10.000:000\$000	10.235:445\$750
Bonus do Banco Nacional.	125:577\$600	
Dividendo supplementar do Banco dos Estados Unidos.	29:209\$000	
Fundos publicos a receber.	1.156:672\$100	
Thesouro Nacional, c/ especial.	22.300:254\$051	
» » c/ venda de ouro.	7.570:301\$970	
Diversos: saldos de varias cc/ credores.	2.237:145\$149	
		1.054.467:344\$556

S. E. ou O.—Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1892 —F. P. Mayrink, presidente.—Antonio Telmo, chefe da contabilidade.

Companhia de Soccorros Domesticos

ACTA DA ASSEMBLEA GERAL EXTRAORDINARIA EM 30 DE OUTUBRO DE 1891

A's duas horas da tarde reunidos na casa da rua de S. Francisco de Assis n. 45 vinte e um accionistas representando 3057 accões equivalentes a mais de dous terços do capital, o Sr. Rodolpho Silveira Avila de Mello, Director Presidente, abre a sessão, pedindo a Assembléa que indique Presidente para a pr sente reunião. Por indicação do accionista José Vicente Machado Junior foi unanimemente aclamado para este fim o accionista João Silveira Avila de Mello. Este assumindo a presidencia indicou para secretarios os accionistas Caetano de Castro, e Joaquim Arantes Bittencourt. Em seguida foi lida e submettida a discussão a seguinte resolução cujos artigos foram successivamente approvados por unanimidade de votos: A Assembléa Geral expressamente convocada para modificar alguns artigos dos Estatutos resolve:

- 1º Reduzir a tres o numero dos Conselheiros Fiscaes de que trata o artigo 24.
- 2º Reduzir igualmente a tres o numero de supplementes do mesmo Conselho de que trata o art. 25.
- 3º Reduzir a 300\$000 reis o honorario de cada um dos accionistas do art. 27.
- 4º Substituir o art. 23º pelo seguinte:
Nos fins de todos os semestres depois de deduzidas as despesas, serão os lucros liquidos distribuidos na forma seguinte:
10 % para o fundo de reserva.
20 % para ser distribuido pela Directoria e membros do quadro clinico.

70 % p los accionistas.

Por proposta do accionista Ignacio Rodrigues da Costa, foi ainda alterada a disposição do art. 23 dos estatutos elevando o honorario do Director Presidente a 3:000\$000 ao anno.

Desorganizado o Conselho Fiscal pela reforma effectuada procedeu-se em seguida a respectiva eleição que deu o seguinte resultado.

Conselho Fiscal—Ignacio Rodrigues da Costa, Silvano Alves de Figueiredo e João Borges da Silveira.

Supplentes.—José Vieira Cardoso, José Joaquim Vieira e Caetano de Castro.

O Sr. José Vicente Machado Junior propõe e é approvado para que a mesa da Assembléa fique auctorizada a assignar a acta, sendo em seguida encerrada a sessão ás 3 horas da tarde.

Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1891.—João Silveira Avila de Mello, presidente.—Caetano de Castro, 1º secretario.—Joaquim Arantes Bittencourt, 2º secretario.

Nº 1671—Certifico que foi archivada hoje nesta repartição sob o n. 1671 em virtude de despacho da Junta Commercial a acta da assemblea geral extraordinaria da companhia Soccorros Domesticos, realisada no dia 30 de outubro de 1891, na qual foram approvadas as alterações feitas nos seus estatutos e bem assim a lista nominativa dos accionistas presentes.—Secretaria da Junta Commercial, da Capital Federal em 4 de janeiro de 1892 O official maior Manoel do Nascimento Silva, em uma estampilha de 5\$, devidamente inutilizada. Ao lado o sello da Junta Commercial.

ANNUNCIOS

Banco de Credito Garantido

1ª ASSEMBLEA GERAL ORDINARIA

Os Srs. accionistas são convidados a reunir-se em assemblea geral ordinaria, no dia 21 do corrente, á 1 hora da tarde, no salão do Banco Rural e Hypothecario, á rua da Quitanda n. 105.

Ordem do dia

- Apresentação do relatório da directoria e parecer do conselho fiscal;
 - Approvação de contas;
 - Conclusão da reforma dos estatutos;
 - Eleição da nova directoria e conselho fiscal.
- Em observancia ao disposto no § 4º do art. 18 dos estatutos, os Srs. accionistas possuidores de accões ao portador, são convidados a depositar-as na thesouraria do Banco, com a antecedencia minima de 3 dias, achando-se, nesse mesmo lugar, á disposição dos Srs. accionistas, todos os documentos exigidos por lei.
- Rio, 5 de Janeiro de 1892.—A. P. da Costa Pinto, presidente.

Companhia Central de Restaurantes

Estando subscripto o capital da Companhia Central de Restaurantes é convocada a assemblea constituinte para o dia 14 ás 11 horas, á rua Primeiro de Março 85.

Os incorporadores.

Rio de Janeiro. — Imprensa Nacional. — 1892.